

## 1 INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos podem ser considerados o evento esportivo mais importante e mais disputado entre os atletas de um mesmo e entre diferentes países. São compreendidos como mobilizadores da auto-superação, do domínio técnico, físico, tático e por que não psicológico dos atletas que deles participam. Não seria imprudente afirmar que participar dos Jogos Olímpicos faz parte da realização de grande parte dos objetivos traçados pelos atletas de alto nível. Essa experiência os leva a superar a média dentre tantos outros que ficaram pelo caminho restando somente aqueles que disputarão o direito ao Olimpo.

As mulheres têm uma especial história em relação à prática do esporte e a participação em competições que antes eram um campo de atuação estritamente masculino.

Pode-se também afirmar que as mulheres não começaram a praticar esportes apenas a partir dos Jogos Olímpicos Modernos, mas essas competições foram fundamentais para a divulgação da imagem da mulher atleta contemporânea (GOELLNER, 2004b).

Os Jogos Olímpicos são importantíssimos no cenário esportivo e mulheres estão cada vez mais presentes neles buscando ter os mesmos direitos, reconhecimentos e poderes.

Nos Jogos Olímpicos da Era Clássica, aproximadamente 776 a.C, a participação dos atletas dependia de regras rígidas que, se desrespeitadas, a conseqüente punição era de grande severidade. Não era permitida a presença de mulheres nas disputas e as casadas corriam o risco de serem penalizadas com a morte, caso fossem pegas nos locais de competições. (Comitê Olímpico Brasileiro, COB, 2005).

A Grécia acabou permitindo que as mulheres organizassem um torneio paralelo, chamado de Heraea, na metade de cada intervalo dos quatro anos. A primeira participação das mulheres em competições ocorreu em 750 a.C., durante uma festa de casamento. Seis anos depois, essas mulheres conseguiram autorização para participação integral nos jogos (COLÉGIO CRISTO REDENTOR, 2004).

Em 1896, durante a primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, a primeira mulher a enfrentar a tradição esportiva masculina foi uma corredora grega, Stamati Revithi, que completou o trajeto de 42 km sendo que a última volta aconteceu fora do estádio, pois a entrada lhe foi proibida (OLYMPIC MAGAZINE<sup>1</sup> citado por GOELLNER, 2004b).

Os organizadores dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900, contrariando o idealismo do Pierre de Frey, o Barão de Coubertin, permitiram a participação de onze atletas mulheres, entre tenistas e golfistas ao meio de mais de mil atletas homens (NOGUEIRA, 2004).

Desde então, até os dias atuais, mesmo com algumas contrariedades no percurso desse desenvolvimento, a participação da mulher no esporte vem crescendo.

GOMES BOTELHO (2004), acredita que as conquistas se realizaram através de grandes batalhas, como revelam os fatos históricos em relação ao atletismo:

- Em 1917, Alice Melliat funda a Federação Desportiva Feminina;
- Em 1921 acontece o encontro de atletismo em Monte Carlo;
- Em 1922 os Jogos Olímpicos das Mulheres, em Paris.
- Em 1926, os Jogos Olímpicos das Mulheres, em Praga;
- Em 1930, os Jogos Olímpicos das Mulheres, na Checoslováquia;
- E em 1934, em Londres, essas competições recebem o nome de Jogos Mundiais das Mulheres, pois o Comitê Olímpico Internacional reclamou como sendo de seu domínio exclusivo o termo 'olimpismo'.

Essa mesma autora diz que, após essas conquistas, as provas com participação das mulheres foram sendo incluídas aos poucos, sendo que em 1938 o atletismo alcança seu lugar na Federação Internacional. Mesmo com todo esse progresso o salto com vara praticado por mulheres foi reconhecido somente nos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000.

---

<sup>1</sup> OLYMPIC MAGAZINE, n. 32, Lausanne: Olympic Museum, 1997.

Embora a dominância do ambiente esportivo seja androcêntrica e tem influenciado no desenvolvimento da mulher atleta, não se pretende transformar esse estudo em um tratado feminista.

Para PAIVA (1989), o movimento feminista tende a possuir uma visão padronizadora de uma nova mulher, implicando em sua universalização, o que não condiz com a proposta desse estudo.

Também não se propõe em uma concepção de vitimização da mulher por uma exclusão masculina, porque concordando com ALTMANN (1998) ao vitimá-las estar-se-ia desconsiderando suas possibilidades de resistência, de individualidade e poder de escolha.

## **1.1 Objetivos**

- Verificar como mulheres, atletas e ex-atletas, percebem-se em relação aos gêneros, expectativas, reconhecimentos, preconceitos e desigualdades sociais no meio esportivo.
- Discutir sobre as percepções de gêneros, desigualdades e preconceitos como aspectos construídos socialmente e transferidos ao esporte.

## **1.2 Justificativa**

O ambiente esportivo é um lugar muito apropriado para estudar sobre desigualdades de gêneros, pois ele ainda está estritamente relacionado à hegemonia masculina.

Com a finalidade de não contribuir com a propagação de preconceitos e mais desigualdades os termos 'esportes praticados por mulheres' e 'esportes praticados por homens' foram utilizados em substituições de 'esportes femininos' e 'esportes masculinos' por considerá-los excludentes tanto para homens como para mulheres.

A conseqüente falta de investimentos no esporte praticado por mulheres tem desperdiçado grandes talentos, assim como retardaram ou privaram as participações de grandes atletas em Jogos Olímpicos da era moderna.

A seleção brasileira de voleibol, praticado por homens, participou de todas as versões dos Jogos desde a sua inclusão, em 1964, como esporte olímpico. Por um outro lado, a seleção de voleibol, praticado por mulheres, somente participou dos Jogos Olímpicos em 1992, por direito conquistado. A equipe já havia participado anteriormente (80, 84, 88), mas como convidada substituindo as Seleções que boicotaram os Jogos (GAZETA ESPORTIVA, 2005a).

O judô, como esporte individual, praticado por mulheres, somente esteve pela primeira vez em uma Olimpíada, em 1988, sendo que um dos motivos desse atraso era a existência de um decreto lei que proibia a mulher de fazer quaisquer esportes que não condiziam com sua natureza [grifo meu], tais como os de luta, boxe, judô, karatê, entre outros <sup>2</sup> (ANDRÉ, 2004; GOELLNER, 2004a).

Em concordância com KNIJNIK (2003) o esporte tem sido considerado como pouco importante nos estudos de desigualdades de gêneros e também desconsiderado como um dos setores na luta pela autonomia das mulheres e pela igualdade social.

Embora a evolução das mulheres no esporte seja admirável, ela ainda vive sob a sombra de muitos preconceitos sexistas. O reconhecimento e respeito de suas capacidades e as igualdades na distribuição de poderes, que também lhe são de direito conquistado, só virão através de muito trabalho.

Os esportes de altos níveis ou de rendimentos devem ser considerados como trabalhos formais, pois a grande maioria dos atletas se dedica, exclusivamente, à sua prática e vivem, inclusive suas famílias, através deles.

A abordagem escolhida para esse estudo é o construcionismo social.

De acordo com VANCE (1995) a construção social baseou-se em várias correntes da Sociologia, como por exemplo: o interacionismo social; teoria dos

---

<sup>2</sup> Decreto-Lei n. ° 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941. Em 1965 o Conselho Nacional de Desportos institui, a deliberação n. ° 7 que baixa instruções às entidades esportivas do país sobre a prática de esporte pelas mulheres. Em seu artigo 2 declara "não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rúgbi, halterofilismo e baseball".

rótulos; história social; história das mulheres; história marxista; na Antropologia simbólica; análises transculturais sobre a sexualidade e estudos de gêneros.

O construcionismo social contrapõe-se ao essencialismo que é dominante na maioria das discussões sobre sexualidades e gêneros. O essencialismo é uma tentativa de explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior (WEEKS, 2000).

Este trabalho tem a pretensão de discutir a influência de pré-conceitos, cobranças e desigualdades de gêneros construídos socialmente e transferidos ao contexto esportivo e demonstrar como as mulheres atletas se sentem e pensam em relação aos tratamentos que recebem e que podem refletir na carreira atlética, em função ao conceito de gênero historicamente enraizado.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 Mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos (1932, Los Angeles à 2004, Atenas).**

De acordo com o COB (2005) a participação nos Jogos Olímpicos de uma mulher brasileira e sul americana ocorreu pela primeira vez em 1932, com a nadadora Maria Emma H. Lenk Zigler, então com 17 anos.

Em Berlim, 1936, as mulheres participaram em maior número do que em Los Angeles, sendo quatro delas na equipe de natação: Maria Lenk; Piedade Coutinho; Scylla Venâncio e Sieglind Lenk. Hilda Von Puttkammer participou disputando o esgrima.

Nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, as nadadoras Piedade Coutinho, Eleonora Margarida J. Schimidt, Maria Angélica Leão Costa, Talita Alencar Rodrigues destacaram-se entre as representantes brasileiras.

Apenas uma mulher, Mary Dalva Proença, competiu nos saltos ornamentais em plataforma nos Jogos de 1956, em Melbourne.

Wanda dos Santos foi a única representante mulher, em 1960, Roma.

Em Tóquio, 1964, o atletismo foi representado por uma única mulher: Aída dos Santos.

Na versão dos Jogos da Cidade do México, 1968, a atleta Aída dos Santos superou o recorde sul-americano na prova de pentatlo e Maria da Conceição Cypriano classificou-se em 11º lugar. No México todas as mulheres tiveram de se submeter pela primeira vez a um teste de feminilidade. Nenhuma foi reprovada.

Foi em Moscou, em 1980, a primeira vez que a equipe de voleibol, praticado por mulheres, competiu nos Jogos Olímpicos, como convidada.

Em Seul, 1988, foi a primeira vez que o judô participou dos Jogos Olímpicos. Na disputa as atletas Mônica Angelluci e Soraia André classificaram-se em quinto lugar.

Em Barcelona, 1992, a equipe de basquetebol praticado por mulheres participou pela primeira vez dos Jogos Olímpicos, terminando a competição em sétimo lugar.

Em Atlanta, 1996, o vôlei de praia tornou-se esporte olímpico. A participação resultou em duas duplas brasileiras na final de mulheres e a conquista da medalha de ouro, com Jacqueline Silva e Sandra Pires, e a de prata, com Mônica Rodrigues e Adriana Samuel. As equipes de voleibol e basquetebol subiram ao pódio pela primeira vez em Jogos Olímpicos. A equipe de basquetebol conquistou a medalha de prata com as atletas: Adriana Aparecida dos Santos, Alessandra Santos de Oliveira, Cíntia Silva dos Santos, Cláudia Maria Pastor, Hortência de Fátima M. Oliva, Janeth dos Santos Arcain, Leila de Souza Sobral, Maria Angélica G. da Silva, Maria Paula Gonçalves da Silva, Marta de Souza Sobral, Roseli do Carmo Gustavo e Silvia Andréa Santos Luz. A equipe de voleibol conquistou a medalha de bronze com as atletas Ana Beatriz Moser, Ana Flávia Chritaro D. Sanglard, Ana Margarida Vieira Álvares, Ana Paula Rodrigues Connelly, Ericléia Bodziak, Fernanda Porto Venturini, Helia Rogério de Souza, Hilma Aparecida Caldeiras, Leila Gomes de Barros, Márcia Regina Cunha, Sandra Maria Lima Suruagy e Virna Cristine Dantas Dias. Também foram realizadas as primeiras competições de futebol, praticado por mulheres, em Jogos Olímpicos. A equipe brasileira ficou em quarto lugar.

Em Sidney 2000, Daniele Hipólito, aos 16 anos, obteve o melhor resultado da história da ginástica artística brasileira nos Jogos. Os Jogos de Sydney também foram um marco para a nossa ginástica rítmica desportiva. A seleção brasileira de basquetebol praticado por mulheres conquistou a medalha de bronze na decisão contra a Coréia do Sul. A equipe de voleibol também ficou com o bronze. O vôlei de praia conquistou a prata com a dupla Adriana Behar e Shelda. Adriana Samuel e Sandra Pires conquistaram o bronze. O tae kwon do estreou em Sydney, com apenas uma atleta: Carmen Carolina.

Na última edição dos Jogos Olímpicos, Atenas 2004, o vôlei de praia, com Adriana Behar e Shelda conquistou o segundo lugar. A equipe de futebol praticado por mulheres obteve o melhor resultado nos Jogos Olímpicos, 2º lugar. A equipe era composta pelas goleiras Andréia Suntaque e Marlisa Wahlbrink (Maravilha); as zagueiras Aline Pellegrino, Juliana Cabral, Tânia Maranhão e Mônica de Paula; as laterais Rosana dos Santos e Grazielle Nascimento; as volantes Renata Costa e Daniela Alves; as apoiadoras Miraildes Maciel Mota (Formiga), Elaine Estrela e Andréia dos Santos (Maycon); e as atacantes Marta Vieira, Delma Gonçalves (Pretinha), Kelly Cristina, Cristiane Rozeira e Roseli de Belo. Pela primeira vez a ginástica olímpica classificou uma equipe completa para os Jogos Olímpicos. A representação brasileira dessa modalidade esteve em três decisões em Atenas: Daniele Matias Hipólito foi a 12ª no geral e Camila Comin, melhorando seu 49º lugar de quatro anos antes, ficou em 16º. Daiane Garcia dos Santos chegou à final do exercício de solo e foi a quinta colocada. Em 2004, Natália Falavigna, atleta do tae kwon do, disputou a medalha de bronze, mas terminou na quarta posição. A natação brasileira chegou a cinco finais, três delas com mulheres, que tiveram uma presença recorde na equipe, com oito nadadoras. Joanna Maranhão chegou à decisão nos 400m medley; Flavia Delaroli, nos 50m livre; e Joanna, Mariana Brochado, Monique Ferreira e Paula Baracho, no revezamento 4x200m livre (COB, 2005).

No QUADRO 1 (COB, 2005) está descrita, quantitativamente, a participação das mulheres e dos homens nos Jogos. Nota-se que a partir de Moscou, 1980, a frequência delas torna-se mais consistente chegando em Atenas, 2004, muito próximo à proporção 1:1 em relação aos atletas homens.

QUADRO 1 – Participação de mulheres e homens brasileiros nos Jogos Olímpicos.

| ANO  | CIDADE SEDE      | MULHERES | HOMENS |
|------|------------------|----------|--------|
| 1932 | Los Angeles      | 001      | 083    |
| 1936 | Berlim           | 006      | 089    |
| 1948 | Londres          | 011      | 066    |
| 1952 | Helsinque        | 005      | 102    |
| 1956 | Melbourne        | 001      | 047    |
| 1960 | Roma             | 001      | 080    |
| 1964 | Tóquio           | 001      | 066    |
| 1968 | Cidade do México | 004      | 080    |
| 1972 | Munique          | 005      | 084    |
| 1976 | Montreal         | 007      | 074    |
| 1980 | Moscou           | 015      | 094    |
| 1984 | Los Angeles      | 022      | 130    |
| 1988 | Seul             | 035      | 135    |
| 1992 | Barcelona        | 051      | 133    |
| 1996 | Atlanta          | 066      | 159    |
| 2000 | Sydney           | 094      | 111    |
| 2004 | Atenas           | 122      | 125    |

Embora seja positivo o aumento da expressividade da mulher no esporte, essa deve ser vista cautelosamente.

Para MOURÃO (2003) todos esses números não atestam a existência de um incentivo político e organizado para que as mulheres pratiquem esportes ou integrem ao seu cotidiano um significado para atividade física.

Mesmo que significativa, a participação da mulher ainda é consideravelmente menor em relação aos homens, por exemplo, em clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádio e ginásios como expectadoras e nos próprios meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque, para não dizer dos vários preconceitos



e estereótipos que ainda cercam a prática das mulheres em determinadas modalidades (GOELLNER, 2004b).

Preconceitos e estereótipos são comumente atribuídos às mulheres que participam de modalidades consideradas tradicionalmente masculinas: futebol de campo ou quadra, handebol, judô ou outras lutas, entre outras.

Nos postos de comando das principais Instituições esportivas, considerando suas representatividades na organização, intervenção e no campo político esportivo, a participação da mulher brasileira ainda é muito pequena, como se pode observar no QUADRO 2 (MOURÃO & GOMES, 2004).

QUADRO 2 - Participação de mulheres no comando das principais instituições da administração esportiva do Brasil.

| INSTITUIÇÕES                         | Nº. DE CARGOS | EFETIVO FEMININO | EFETIVO MASCULINO | % EFETIVO FEMININO |
|--------------------------------------|---------------|------------------|-------------------|--------------------|
| Ministério dos Esportes <sup>3</sup> | 088           | 020              | 062               | 22,73%             |
| Comitê Olímpico Brasileiro           | 050           | 002              | 048               | 04,00%             |
| Comitê Paraolímpico Brasileiro       | 010           | 003              | 007               | 30,00%             |
| Confederações esportivas filiadas    | 029           | 001              | 028               | 03,50%             |
| Confederações esportivas vinculadas  | 024           | 000              | 024               | 00,00%             |
| Comissão Nacional de Atletas         | 035           | 007              | 028               | 20,00%             |
| Total                                | 236           | 033              | 197               | 14,34%             |

SIMÕES, CORTEZ e CONCEIÇÃO (2004) acreditam que as mulheres conseguiram transpor o controle ideológico masculino sobre o esporte em sociedade e que elas conquistaram medalhas e resultados expressivos, hoje as mulheres vêem os esporte de rendimento como uma forma de ascender socialmente, de status, e de uma fonte de emancipação financeira.

Mas, isso realmente não acontece. As mulheres não conseguiram ainda superar esse controle ideológico masculino, pois constata-se que elas ainda sofrem

<sup>3</sup> Existem seis cargos vagos no Ministério dos Esportes (MOURÃO & GOMES, 2004).

conseqüências em função disso: salários menores, condições de treinos desiguais e entravam uma luta muito mais individual do que institucional e representativa a favor das mulheres atletas.

O QUADRO 3 (GAZETA ESPORTIVA, 2005b) representa, em números, a participação da mulher em nível mundial. Nota-se, que apesar do progresso, ainda existe uma certa diferença em relação aos homens.

QUADRO 3 – Participação de mulheres e homens nos Jogos Olímpicos em nível mundial

| ANO  | CIDADE SEDE      | MULHERES | HOMENS |
|------|------------------|----------|--------|
| 1896 | Atenas           | 000      | 0200   |
| 1900 | Paris            | 019      | 1206   |
| 1904 | Saint Louis      | 006      | 0681   |
| 1908 | Londres          | 036      | 1999   |
| 1912 | Estocolmo        | 0057     | 2490   |
| 1920 | Antuérpia        | 0077     | 2591   |
| 1924 | Paris            | 0136     | 2956   |
| 1928 | Amsterdam        | 0290     | 2724   |
| 1932 | Los Angeles      | 0127     | 1281   |
| 1936 | Berlim           | 0328     | 3738   |
| 1948 | Londres          | 0385     | 3714   |
| 1952 | Helsinque        | 0508     | 4407   |
| 1956 | Melbourne        | 0371     | 2813   |
| 1960 | Roma             | 0610     | 4736   |
| 1964 | Tóquio           | 0683     | 4457   |
| 1968 | Cidade do México | 0781     | 4749   |
| 1972 | Munique          | 1058     | 6065   |
| 1976 | Montreal         | 1247     | 4781   |
| 1980 | Moscou           | 1124     | 4043   |
| 1984 | Los Angeles      | 1567     | 5230   |
| 1988 | Seul             | 2186     | 6279   |
| 1992 | Barcelona        | 2707     | 6657   |
| 1996 | Atlanta          | 3513     | 6797   |
| 2000 | Sydney           | 4069     | 6582   |

Além de toda rotina de treinos e exigências comuns ao esporte, elas tiveram e ainda têm que enfrentar algumas ‘lutas invisíveis’<sup>4</sup>, por vezes, nunca imaginadas pelos espectadores desse grande fenômeno cultural que é o esporte.

<sup>4</sup> “Lutas invisíveis” são palavras de uma das mulheres do grupo pesquisado.

Como visto anteriormente, as atletas obtiveram muitas conquistas e ultrapassaram muitas barreiras, umas são impostas sutilmente, outras são ignoradas, como se não existissem. O esporte é ainda um mundo predominantemente masculino e haverá no contexto das políticas e do politizar muito a fazer (GOMES BOTELHO, 2004).

## **2.2 Gênero e esporte**

Autores como ROSSI (1994) e SWAIN e JONES (1991) afirmam que, culturalmente, o homem tem uma posição privilegiada: ele tem mais poder, mais liberdade e, por conseguinte mais opções do que a mulher. Enquanto criança, o menino é induzido a negar sua dor, quando envolvido com esportes durante a adolescência, tende a negar a dor com medo, por exemplo, de perder o lugar na equipe. O homem cresce e desenvolve-se condicionando sua personalidade, a fim de descartar seu desconforto físico e a bloquear suas emoções. Dor e doença relacionam-se a idéia de fraqueza, dependência e submissão são, portanto, características do gênero feminino. A socialização prepara os homens para a competição esportiva estando mais expostos a uma orientação competitiva de vida do que as mulheres.

Para homens e mulheres, normas impostas, de acordo com a predominância do gênero corrente, nesse caso, o masculino são vivenciadas como naturais. Dessa forma, aqueles que destoarem dessa suposta natureza serão percebidos pela sociedade como 'fora do padrão'. Ambos sofrem as conseqüências ao se comportarem diferentemente daquilo que é esperado. No esporte há uma grande valorização social de atributos masculinos: força, poder, liberdade, competitividade em detrimento dos femininos: delicadeza, fragilidade, inatividade entre outros, obviamente com a finalidade da manutenção de um controle social, da manutenção assimétrica e injusta do poder de um gênero sobre o outro.

De acordo com CHAUI (2000), a naturalização surge sob a forma de idéias que afirmam que as coisas são como são porque assim é natural. As relações sociais são como naturais e não como resultados da ação humana.

De acordo com ANTUNEZ (2001) os estereótipos e padrões culturais são socializantes e no que se refere às meninas, no ambiente esportivo, muito mais precocemente. Tratamentos diferenciados exercidos por responsáveis pela socialização, dentre eles, pais, professores, treinadores vão cultivando as identidades tanto das meninas como dos meninos. Assim, espera-se da mulher:

- Diferença em relação ao rendimento;
- Menores expectativas de êxito competitivo;
- Menor aptidão para o treinamento e para a competência física e;
- Maior aptidão para a criatividade, intelectualidade e sensibilidade.

A mulher, mesmo que atleta, poderá ter vivido uma socialização estereotipada e de acordo com os padrões culturais. Quando no meio competitivo, caracteristicamente construído e tradicionalmente masculino, a mulher poderá apresentar um comportamento de stress mais significativo do que os homens, que desde pequenos estão socialmente mais voltados a competição.

Para De ROSE JÚNIOR (1999) a intensidade da resposta à situação causadora de stress é capaz de produzir atitudes de enfrentamento ou fuga, alterações de comportamento ou até alterações dos fatores intrapessoais do atleta. Para esse mesmo autor a competição faz parte de um processo complexo, e, ao mesmo tempo, tem exigências frente ao atleta quanto ao alcance do êxito esperado, e que sob essas condições o indivíduo pode experimentar elevados níveis de stress, que terá forte consequência sobre seu desempenho.

Tratamentos desiguais e falta de apoio, o excesso de cobranças no esporte praticado pela mulher podem ser considerados situações causadoras de stress.

Avaliações subjetivas de pessoas ligadas direta ou indiretamente ao meio esportivo são também consideradas fontes poderosas de stress:

Os atletas são analisados, avaliados e julgados por pessoas envolvidas direta ou indiretamente no processo competitivo esportivo. No primeiro caso são os técnicos, preparadores físicos, médicos, psicólogos, entre outros. No segundo, também passam pela avaliação de pessoas que nem sempre possuem

discernimento e conhecimento suficientemente adequados daquela modalidade esportiva, para emitir um parecer condizente com sua condição. Aqui se enquadra a maioria dos torcedores (que colocam sempre o coração na frente da razão) e da parte da imprensa esportiva que apresenta um número reduzido de jornalistas especializados em modalidades esportivas pouco difundidas e que necessitam de maior conhecimento por parte dos mesmos (De ROSE JÚNIOR, 1999, p.2).

Mulheres tendem a apresentar níveis de stress mais significativos do que os atletas como demonstraram De ROSE JÚNIOR e SATO (2001) em um estudo que teve como objetivo identificar os níveis de stress competitivo apresentado por atletas de diferentes modalidades esportivas e compará-los em função das variáveis: sexo, tipo de esporte (individuais e coletivos) e modalidades esportivas. A amostra foi composta por 512 atletas, sendo 203 moças e 309 rapazes com idade compreendida entre 15 e 18 anos, praticantes de esportes coletivos (basquetebol e futebol) e individuais (natação e tênis). O instrumento utilizado foi o "Formulário para Identificação de Situações de Stress" (De ROSE JÚNIOR, 1999), adaptado a cada uma das modalidades estudadas, cuja escala varia de zero (não provoca stress) a cinco (provoca stress muito elevado). Os resultados levaram as seguintes conclusões: considerando os resultados globais, as meninas apresentam níveis de stress significativamente maiores que os meninos; esta tendência se mantém quando comparados os sexos [sic] em cada tipo de esporte e em cada uma das modalidades esportivas; não há diferenças estatisticamente significantes entre os níveis de stress dos praticantes de esportes individuais e coletivos de um mesmo sexo, apesar da tendência dos primeiros apresentarem resultados mais elevados; dentre as modalidades individuais, o tênis praticado por mulheres apresentou o maior nível de stress; dentre as modalidades coletivas, o maior nível de stress foi apresentado pelo futebol praticado por mulheres; considerando os resultados de ambos os sexos, o tênis foi à modalidade que apresentou o maior nível de stress.

PEREIRA (1984) e SIMÕES, KNIJNIK e MACEDO (2000) acreditam que a mulher adota no esporte características masculinizadas, a fim de se igualar ao homem, reagindo e reforçando o modelo de recompensa esportiva, remetendo-se aos valores, atitudes e habilidades iguais as dos homens, no que se refere ao esporte competitivo.

Então, de acordo com esse raciocínio, quando as mulheres tiverem o mesmo reconhecimento, distribuição de poder e respeito à igualdade como cidadãs no esporte, elas não mais adotarão características 'masculinizadas'? Mas, o que são essas características masculinizadas? Demonstrar força, rapidez técnica, tática entre outras habilidades são características atléticas.

GOMES BOTELHO, SILVA e QUEIRÓS (2004), estudiosas do fenômeno esportivo, reafirmam que o que caracteriza o ser humano é a variabilidade e não atender a isso pode, conseqüentemente, levar a mulher a vivenciar situações de inferioridade e fraqueza como situações inerentes ao feminino, reproduzindo, dessa maneira a hegemonia androcentrista.

Qual seria, então, a relação entre esporte e gênero?

Gênero, como um conceito das ciências sociais, refere-se à construção social do sexo. A palavra sexo é a caracterização anátoma-fisiológica dos seres humanos, e no máximo, a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero distinguiu entre o dimorfismo sexual da espécie humana, que é um fato, e a caracterização de masculino e feminino que acompanham nas culturas a presença de dois sexos na natureza. Há machos e fêmeas na espécie humana, mas a condição de ser homem ou mulher é condição realizada pela cultura (HEILBORN, 1994).

VANCE (1995) explica que, impulsionadas pelo movimento feminista, as acadêmicas e ativistas começaram a repensar no conceito de gênero que revolucionou as noções do que é natural. Após uma revisão crítica das teorias que usavam a reprodução para ligar gênero com a sexualidade, explicando dessa maneira a inevitabilidade e naturalidade da subordinação das mulheres. Esta revisão resultou a uma crítica geral do determinismo biológico. A amplitude dos papéis das mulheres não poderia estar subordinada por uma sexualidade e reprodução humana aparentemente tão uniforme.

COSTA (1995) faz um breve histórico na tentativa de compreender a dominância masculina sobre a feminina, como segue:

- As idéias dos seres humanos serem divididos em dois sexos começaram a ganhar força cultural no século XVIII, antes disso para a medicina e a ciência galênica havia somente um sexo, o masculino, e a mulher era uma representante inferior desse sexo, pois não tinha o mesmo calor vital suficiente para atingir a perfeição do macho.

- A hierarquia sexual, na ordem crescente ia da mulher ao homem. A referência para sexo era os órgãos reprodutores do homem. A mulher era fria, sem o calor vital do homem e essa frieza era necessária para a reprodução. Se a mulher fosse tão quente quanto o homem o embrião poderia ser dissolvido, ou então, esse aumento do calor levava a mulher a distúrbio de seus humores, que subiam até a cabeça causando fenômenos patológicos. Ao final do século XVIII, essas crenças começaram a cair em desuso.

- Até então a distinção de gênero conhecida atualmente, não tinha como pressuposto a diferença sexual. O poder masculino não estava baseado nas diferenças biológicas dos sexos, mas sim, na ignorância da existência do sexo feminino, assim como na ignorância da sexualidade da mulher. A hierarquia galênico-platônica distinguia o gênero tendo como suporte a unicidade sexual.

- A idéia de diferença de sexo para estabelecer a diferença de gênero entre homens e mulheres veio ao encontro com os ideais igualitários da revolução democrático-burguesa que tinha que justificar a desigualdades entre homens e mulheres, fundamentado numa desigualdade natural. Para que as mulheres e outras minorias não pudessem ter os mesmos direitos que os homens começaram a inventar algo que, na natureza, justificasse racionalmente as desigualdades exigidas pela política e pela economia da ordem burguesa.

Mediante a essas argumentações, o gênero como relação de poder antecede a diferenciação de sexo biológico, sim; porque ao ignorar o genital feminino tendo somente como referência o genital masculino, já evidencia a relação assimétrica e unilateral, de cunho biológico e egocêntrico do homem.



Atributos socialmente valorizados e que parecem fazer parte da natureza masculina, entre outros são: atividade, força, bravura, coragem, autocontrole, iniciativa, aptidão para competir, capacidade para dominar e comandar (COSTA, 1989).

Conforme afirma MESSNER<sup>5</sup> (citado por SOUZA & ALTMANN, 1999) o esporte é uma instituição generificadora<sup>6</sup> que ajuda a construir a ordem de gênero corrente. O rendimento esportivo não está marcado somente pelas diferenças biológicas, sendo que as diferenças psicológicas, sociológicas e culturais vivenciadas pelas atletas, marcadas e regulamentadas pela sociedade com normas diferenciadas para homens e mulheres também afetam o rendimento. A estrutura e valores do esporte refletem conceitos dominantes de masculinidade e feminilidade.

SIMÕES, KNIJNIK e MACEDO (2000) acreditam que o esporte leva a mulher a aceitar os desafios de competir e enfrentar situações problemáticas como as desigualdades de gêneros, cor, raça.

O esporte espetáculo (basquetebol, handebol, futebol de campo, vôlei) pode ser considerado um microcosmo da sociedade refletindo valores sociais, culturais, normas de conduta e ideologias (PEREIRA, 1984; SIMÕES, CORTEZ & CONCEIÇÃO, 2004).

No contexto cultural do esporte, não exclusivamente, esses atributos são comumente observados e manifestados como características de comportamentos, também, das mulheres atletas. Mas, acabam se tornando parâmetros para rotulá-las como anomalias nessa área. Por exemplo, uma atleta que necessite desenvolver sua força física para competir e ter um ótimo desempenho, indubitavelmente, tornar-se-á musculosa e forte podendo ser estigmatizada e conseqüentemente discriminada pela mídia, pela sociedade, por colegas, familiares, inclusive por ela mesma e até por estudiosos do esporte.

---

<sup>5</sup> M. MESSNER. Boyhood, organized sports, and the construction of masculinities. In: M. KIMEL e M. MESSNER. **Men's lives**. New York and Toronto: Macmillan, 1992, p. 161-131.

<sup>6</sup> O termo generificador/generificadora é a tradução encontrada para 'gendered' em SOUZA e ALTMANN (1999)

Para DOUGLAS <sup>7</sup> citado por PAIVA (1989) a sociedade possui várias maneiras de lidar com as anomalias: pode-se ignorá-las, não percebê-las, ou condená-las. De um modo mais produtivo, pode-se confrontá-las e tentar criar um novo padrão de realidade onde essas pessoas que carregam anomalias possam ter o seu lugar. Por outro lado, a sociedade tem uma tendência a criar um pacto social para por ordem no caos dessa imensa variabilidade humana. A organização social exige sempre algum tipo de ordenação, de relação, de ordem e desordem. Restringindo e selecionado se faz uso apenas de um conjunto limitado de todas as possibilidades de manifestações da experiência humana.

A marca da tradição judaico-cristã é a ordenação, ou seja, uma clara divisão de papéis que eram atribuídos ao homem e a mulher. Atualmente, e de maneira ambígua, a atual hegemonia cultural exige a mesma dicotomia de papéis femininos/masculinos, ao mesmo tempo em que, para a adaptação ao cotidiano, essa realidade requer grande flexibilidade, ou seja, hoje a mulher pode desempenhar todos os papéis que somente o homem desempenhava, desde que ela mantenha todas as suas outras atribuições e continue com a mesma feminilidade historicamente atribuída (PAIVA, 1989).

Pierre de Fredy – O Barão de Coubertin – era claramente contra a participação feminina nas competições olímpicas porque considerava que o esporte trabalhava características indesejáveis para a mulher que era percebida como naturalmente frágil. O espírito de sacrifício, força de vontade, tenacidade e poder de decisão eram virtudes masculinas e essência do ideal guerreiro (TAMBURRINI, 1999).

KNIJNIK e VASCONCELLOS (2003) relatam um fato ocorrido em 2001 durante a organização do campeonato paulista em que os dirigentes queriam mostrar que era possível que mulheres jogassem futebol e continuassem a possuir características femininas, para tanto escolheram as atletas também pela aparência, nas palavras deles: “Teremos um campeonato tecnicamente bom e bonito”.

A sociedade contemporânea parece acreditar que a mulher pode praticar e competir em todas as modalidades esportivas (daquelas que necessitem de rapidez,

---

<sup>7</sup> M. DOUGLAS. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

coordenação motora fina e leveza àquelas que necessitem de força muscular, alto contato físico, e muito suor) desde que, é claro, elas mantenham-se delicadas e femininas segundo as normas vigentes.

Em estudo realizado por KNIJNIK (2001) os resultados demonstraram que as atletas queriam ter corpos atléticos, serem altas e musculosas, ao mesmo tempo em que não queriam perder características femininas como músculos e pés pequenos.

As próprias atletas tendem a possuir preconceitos em relação às características, físicas e psicológicas, supostamente pertencentes aos homens e que elas necessitam adquirir, quer queiram ou não, para serem competitivas e atingirem os objetivos em uma disputa.

CASTILLO e BARATA (1998) analisam que as diferenças na socialização masculina e feminina além de afetarem a vida cotidiana implicam também no modo que homens e mulheres utilizam os espaços e o tempo desportivo.

De acordo com ASINS<sup>8</sup>, citado por CASTILLO e BARATA (1998), desde a etapa escolar as meninas demonstram mais desenvoltura em espaços pequenos e jogam em sua própria casa. Já os meninos, revelam mais capacidades para desenvolver-se em grandes espaços, orientam-se mais facilmente com um mapa e saem para jogar fora de casa. Esse tipo de comportamento se repete no uso dos espaços esportivos, sendo as mulheres as principais clientes de academias, tanto públicas como privadas, temem ir aos parques distantes, em especial quando anoitece. O uso desses espaços é irregular. Os homens são um público majoritário dos estádios, dos grandes lugares esportivos descobertos e parques, sendo que têm uma frequência mais regular, não dependendo de ritmos de vida e de outros membros da família como as mulheres.

CASTILLO e BARATA (1998) afirmam que é muito importante o planejamento do espaço esportivo, a fim desse não reproduzir e incrementar as desigualdades sociais já existentes.

---

<sup>8</sup>C. ASINS.. La ocupación diferencial de espacio en Educación Física. In: J.I. BARBERO. (Ed.). **Ciencias Sociales y Deporte**, Pamplona: AEISAD, 1994, p. 109-120.

Um estudo realizado por EICHBERG <sup>9</sup>, citado por CASTILLO e BARATA (1998), através de investigações etnográficas realizadas na Dinamarca, revela o modo de como surgem grandes diferenças nas arquiteturas produzidas por mulheres e por homens:

- A arquitetura feminina revela maior complexidade, variabilidade, tendência orgânica, o interior como condicionante do exterior, anonimato, construção lenta e formas curvas;
- A arquitetura masculina apresenta especialização monofuncional, determinismo da forma e da função, tendência abstrata, o efeito da representação é prioritário, protagonismo do arquiteto, rapidez e formas retilíneas.

O objetivo do exemplo dado é demonstrar a intensidade da incorporação ideológica e inconsciente da valorização de atributos dados a homem e mulheres construídos socialmente desde antes de seus nascimentos, mas que são assimilados como naturais.

Dessa forma, basear-se no gênero dominante e corrente no esporte para, através da socialização, inculcar aquelas ou estas modalidades como melhores ou piores para a mulher em função de sua suposta fragilidade diante do homem é uma expressão de relação de poder.

Embora o esporte de alto nível seja excludente tanto para mulheres como para homens, em um estudo apresentou-se uma listagem, a homens, de setenta e cinco esportes, quinze foram considerados, essencialmente, masculinos e dois essencialmente femininos. A grande maioria foi considerada primariamente masculina (BERLIN <sup>10</sup> citado por PEREIRA, 1984).

Segundo SIMÕES (2003), em função da socialização do homem, existe uma priorização, conveniente ao seu próprio interesse e a manutenção de uma posição social, relacionado a algumas modalidades esportivas: “(...). As modalidades esportivas que podem ser consideradas verdadeiramente masculinas são basquetebol, futebol de campo, handebol, hóquei, artes marciais, entre outras” (p.20).

---

<sup>9</sup> H. EICHBERG. New spatial configurations of sport? Experiences from Danish alternative planning. **International Review for the Sociology of Sport**, v.28/2-3, p.187-202, 1993.

<sup>10</sup> P. BERLIN. The women athlete. In: E. GERBER. et al. (Org). **The American women in sport**. Mass Addison: Wesley, 1974, p. 233-400

A tendência é esperar da mulher que ela expresse as características atribuídas e padronizadas pela sociedade como: passividade, compreensão, delicadeza, sempre e nos diversos papéis que as mulheres contemporâneas são protagonistas.

Elas herdaram um histórico sobre o papel do feminino na sociedade transmitido de geração a geração e ao adentrar no cenário competitivo talvez não encontre referências internas, que deveriam ser adquiridas ao longo de seu processo de aprendizagem para esse enfrentamento e muito menos referências externas, como o efetivo e real apoio de federações, confederações, dirigentes e políticas de âmbito federal.

O que se percebe, na realidade, é a desvalorização do esporte praticado por mulheres em relação aos homens, tanto em termos financeiros, condições de treinamento, transporte, alojamento, publicidade e mídia.

SIMÕES (2004) afirma que é fatural a diferença de tratamento recebida pelas mulheres atletas em relação aos homens, pois os padrões sociais valorizam mais as conquistas masculinas do que as femininas e que isso é enfatizado tanto pela televisão, como pelos outros meios de comunicação em massa. Essa mesma mídia faz das mulheres atletas uma forma de apelo sexual ou estético, em vez de dar a devida importância ao seu desempenho atlético.

### **2.3 A maternidade**

Sobre a maternidade e em relação ao direito de ser ou não ser mãe pertence à mulher o direito de decidir sobre isso. O mesmo ocorre para a mulher que é atleta, assim como acontece para outras mulheres que exercem outros papéis sociais e ocupam diversos cargos no mercado de trabalho.

Não cabe aqui discutir sobre direitos já adquiridos pelas mulheres que trabalham, também, fora de casa. Mas, o mesmo acontece em relação ao esporte de rendimento? Caso a atleta engravide, por escolha ou não, lhe são garantidos os mesmos direitos que as outras mulheres trabalhadoras possuem? Durante o tempo que ficará fora das quadras, tatames, piscinas, campos, enfim do ambiente do

trabalho esportivo, ela terá apoio financeiro e emocional do clube? É possível ser mãe e atleta ao mesmo tempo se esse direito lhe for assegurado com o efetivo funcionamento de leis. As leis devem ser colocadas realmente em prática, pois, provavelmente, elas irão de encontro a instituições que possuem tradições seculares e muito enraizadas.

De acordo com MOURÃO (2003), as mulheres decidem não ter filhos por ser um obstáculo à entrada e à participação efetiva no espaço esportivo.

A maternidade acontece em nível físico e psicológico para a mulher. Fisicamente a gestação pertence à mulher. Mas a maternagem, os cuidados com a criança durante a infância e todas as responsabilidades geradas a partir do nascimento de uma criança lhes são socialmente atribuídas.

O que acontece, ainda no contexto do esporte é a insegurança da mulher ao engravidar, por ainda não encontrar condições favoráveis para isso. A atleta se ausentará dos treinos, fisicamente precisará de um tempo para retomar a forma física, precisará ter condições financeiras para deixar a criança em uma creche para treinar e terá outras despesas nos cuidados do filho.

## **2.4 Gênero e poder**

Embora, a princípio gênero e poder pareçam ser conceitos distintos e sem ligação, eles estão intrinsecamente relacionados, tornando-se mecanismos sociais de domínio versus dominado, maioria versus minoria, prestígio versus desprestígio, inclusão versus exclusão, entre outros.

Para THOMPSON (2000) poder é a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses: um indivíduo tem poder de agir em uma seqüência de eventos e alterar seu curso. Agindo dessa forma, o indivíduo apóia-se e emprega os recursos que lhe estão disponíveis. Essa capacidade depende da posição que o indivíduo ocupa dentro de uma instituição. Os indivíduos dotados de capacidades variáveis desse tipo, e por isso com variados graus de poder, podem manter determinados tipos de relações sociais.

Esse mesmo autor afirma que relações de poder são assimétricas quando indivíduos ou grupos de indivíduos particulares possuem um poder de maneira estável, de tal modo que exclua outros indivíduos. Nesses casos, pode-se falar de indivíduos ou grupos dominantes e subordinados, assim como daqueles indivíduos ou grupos que, em virtude de seu acesso parcial a recursos, ocupam uma posição intermediária em um campo. Entre os casos de dominação que são particularmente importantes, estão aqueles que são vinculados às características estruturais que se repetem de um contexto a outro. Como por exemplo, a sociedade e o esporte enquanto instituição. Uma relação de dominação pode ser estabelecida de diversos modos: dominação de gênero, relações de dominação de classe, de raça, entre outros. Um tipo de dominação não é mais grave do que o outro, pois o resultado é o agravamento do processo de exclusão, ou seja, são extraídos das pessoas seus direitos à cidadania simplesmente por pertencerem à determinada classe social, por serem de determinada raça, ou representarem um gênero específico (THOMPSON, 2000).

SOARES (2000) explica que poder é visto não como um lugar que se ocupa, ou seja, não é através de um exercício de uma determinada função que se fala em poder, mas sim como um objeto de luta e de transformação coletiva das relações de gênero. Para se chegar a um empoderamento <sup>11</sup> das mulheres e a transformação das relações de gênero deve-se discutir quatro dimensões:

- As dimensões econômicas: pobreza, distribuição de renda, emprego;
- O perpetuamento dos limites sociais e políticos;
- Os processos de democracia e;
- Os desafios e o enfrentamento para a ampliação das fronteiras da participação política.

FRASER (2002) em uma análise política-sócio-econômica das lutas de gêneros de políticas feministas, acredita que gênero é somente uma das facetas de um projeto político mais amplo. A autora apresenta gênero como um eixo de categoria com duas dimensões do ordenamento social:

---

<sup>11</sup> Empoderamento é uma aproximação ao termo “empowerment”

- A dimensão da distribuição e;
- A dimensão do reconhecimento.

A dimensão da distribuição refere-se a gênero como uma diferenciação semelhante à classe, enraizada na estrutura econômica da sociedade. É um princípio básico organizador da divisão de trabalho produtivo pago e trabalho reprodutivo não pago. O trabalho “reprodutivo” é designado como responsabilidade primária da mulher.

Em relação ao trabalho pago, gênero também é estruturante na divisão, entre os maiores salários de predominância masculina, nos setores fabris e nas ocupações profissionais e os menores salários, predominantemente femininos, com ocupações no setor administrativo e nos serviços domésticos. Conseqüentemente, a estrutura econômica gera formas específicas de injustiça distributiva baseada no gênero (FRASER, 2002).

Como dimensão de reconhecimento, gênero aparece como diferenciação de status, codificando padrões culturais de interpretação e avaliação já disseminados. Uma das características da injustiça de gênero é o androcentrismo que supervaloriza traços associados ao masculino e desvaloriza traços associados ao feminino e que padrões androcêntricos, que tendem a serem constantemente institucionalizados criando sulcos de interação social e infiltrando, de um modo geral, em todas as áreas da sociedade, segundo essa mesma autora:

Conseqüentemente, as mulheres sofrem formas específicas de subordinação de status, inclusive assédio sexual, abuso sexual, violência doméstica, através de retratos estereotipados pela mídia, que banaliza, coisifica e avilta as ocorrências, de insultos do dia-a-dia, da exclusão ou marginalização nas esferas públicas e deliberativas, e, finalmente, negação de seus plenos direitos e proteção igualitária como cidadãs. Esses danos são injustiças causadas pelo reconhecimento equivocado. São relativamente independentes da economia política e não meramente superestruturais. Portanto, não podem ser



resolvidos somente pela redistribuição, mas exigem medidas de reconhecimento adicionais e independentes. (p. 65)

Por sua vez ARAUJO (2002) afirma que:

As desigualdades se reproduzem institucionalmente, assentadas, em bases históricas e sócio econômicas, apesar e independentemente de legislações formais com princípios não discriminatórios e de igualdades. Com isso, evidenciam também como as oportunidades, as competências e o mérito individual são socialmente construídos. (p.148)

A mulher, que exerce uma variedade de papéis sociais, seja no trabalho (empresas, indústrias, escolas, comércios) ou no trabalho esporte sofre, ainda, conseqüências em função da cultura androcentrista. As mulheres no esporte buscam, no mínimo, o respeito e reconhecimento de seus desempenhos e conquistas enquanto atletas e também a possibilidade de exercerem cargos de poder em instituições esportivas, que atualmente, são distribuídos somente aos homens.

De acordo com MESSNER (2002), organização e instituições em si mesmas, são genereficadas, isto é, o gênero está presente em práticas, imagens, ideologias, processos e distribuições de poderes, conseqüentemente, a norma de gênero no esporte é também caracterizado por vastas desigualdades nas distribuições de poderes, autoridades, prestígios e recursos entre homens e mulheres (de fato, entre diferentes classes sociais e grupos sociais), e por causa dessa persistência histórica, os padrões das instituições masculinas do esporte parecem, para muitos, naturais e imutáveis.

O esporte não é uma entidade abstrata. Ele foi inventado pelos homens e para os homens, e continua a ser um mundo masculino, mesmo que as mulheres façam sentir sua presença, o poder continua em mãos masculinas (PFISTER <sup>12</sup>, 2003/04, citado por GOMES BOTELHO, 2004).

---

<sup>12</sup> G. PFISTER. Female leaders in sports organizations: worldwide trends. **Bulletin International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women**, v. 12, p. 22-33, 2003/04.

O ser humano é uma construção social; gênero e esporte, também, são invenções da humanidade. O enraizamento de gênero como relação de poder na vida das pessoas é uma construção muito antiga. Mas, assim como a humanidade o inventou, ela também pode reinventá-la com mais justiça e igualdades de direitos.

## **2.5 Ideologia no contexto esportivo**

O contexto social esportivo possui seus próprios valores que se originaram e se difundiram desde a época dos Jogos Olímpicos Clássicos reforçados, posteriormente, através da figura expressiva do Barão Fredy de Coubertin. Na tentativa de entender a condição da mulher no esporte contemporâneo é necessária a compreensão da ideologia androcentrista que é a vigente nesse contexto.

Ideologia é um instrumento indispensável para o conhecimento da realidade humana em geral, assim como uma eficaz intervenção nessa mesma realidade. Para compreender e para agir, a análise crítica das ideologias apresenta-se como uma necessidade sempre crescente, num território de onde não seria lícito excluir a produção científica e filosófica (MONTEIRO, 1989, p.193).

À luz de Marx, MONTEIRO (1989) comenta que ideologia é um sistema de idéias que tem como função a defesa de determinados interesses de uma classe. Essas idéias se apresentam como um discurso verdadeiro sobre o seu objeto, mas que na verdade são deturpações desse mesmo objeto, não passando de um sistema de ilusões que melhor convenha a um grupo social em conflito com outros grupos.

Ao se afirmar, por exemplo, que o esporte é um território masculino e que a mulher se mostra como uma anomalia nesse meio, a tendência é reproduzir uma ilusão criada por um grupo, nesse caso os próprios homens em relação às mulheres, componentes do outro grupo. Portanto o esporte como instituição estaria, implicitamente, mantendo a ordem dos valores ideológicos do grupo dominante.

Ideologia como um fenômeno social e uma visão marxista é considerada como uma inversão da realidade, tornando que seja imprescindível uma ordem de

coisas que na realidade não o é, uma conseqüência do estado de alienação em que se encontram os indivíduos. É um modo falso de pensar, no qual a realidade é vista de maneira distorcida. Só a tomada da consciência é capaz de apreender o que realmente determina a organização social e, a partir daí, de orientar a ação das pessoas (MONTEIRO, 1989).

Porém, segundo CHAÚÍ (2000), não significa que as idéias representem a realidade realmente como ela é, como poderiam os seres humanos, conhecendo as causas da exploração, da dominação, da miséria e da injustiça nada fazerem contra elas? As idéias são historicamente determinadas e têm a peculiaridade de nascer a partir da experiência social direta. A característica principal da experiência social é explicar a aparência das coisas como se esta fosse a essência das próprias coisas. Conforme, uma forma determinada da divisão social se estabiliza, se fixa e se repete, cada indivíduo vai passando a ter uma atividade específica, que lhe é atribuída pelo conjunto das relações sociais, pelo estágio das forças produtivas e pela forma da propriedade. Cada um, por causa da fixidez e da repetição de seu lugar e de sua atividade, tende a considerá-los naturais. Por exemplo, quando se julga que uma pessoa faz o que faz porque tem talento ou vocação natural; quando se julga que, por natureza, os negros foram feitos para serem escravos; quando se acredita que, por natureza, as mulheres foram feitas para a maternidade e o trabalho doméstico.

Ideologia também pode ser considerada como a valorização arbitrária de algumas idéias em detrimento de outras, seguindo exclusivamente a perspectiva de seu formulador. A noção de ideologia pode ser entendida também como uma crença em valores específicos de um grupo, valores estes que respondam às questões enfrentadas por esse grupo na sua sobrevivência. É uma doutrina, um código de conduta. De uma outra maneira e mais genericamente, ideologia pode ser definida como todo conjunto organizado e coerente de idéias que servem de parâmetros para a conduta individual ou coletiva. Toda ideologia implicaria, portanto numa interpretação da realidade a partir de uma posição social específica, com o intuito de justificar as decisões que são tomadas a partir de lá (ENCICLOPÉDIA DIGITAL MASTER, 2004).

O Barão de Coubertin, por exemplo, era uma figura social importante, um formador de opinião que representava os ideais burgueses daquela época em que ele reinventava os Jogos Olímpicos da Era Moderna. Nascido em uma sociedade machista, e reproduzindo a ideologia de uma época e de uma sociedade como verdades universais, justificava o impedimento da participação das mulheres nos Jogos por considerá-las frágeis, incapazes de realizar determinados esforços físicos e que tinham, como funções exclusivas, assumir as tarefas domésticas e familiares.

Os seres humanos baseiam-se em regras e convenções, para conviverem entre si. Essas regras podem ser explícitas e claras. Entretanto, não raro, as regras e convenções que dirigem muitas ações e interações na vida social são implícitas e imprecisas. Podendo ser conceituadas como esquemas flexíveis que orientam os indivíduos no curso de suas vidas, sem nunca terem sido promovidas ao nível de preceitos explícitos. Essas regras existem nas formas de conhecimento prático gradualmente inculcados e continuamente reproduzidos nas formas de viver. Os indivíduos nem tanto se baseiam nesses esquemas flexíveis, mas implementam-nos implicitamente. São condições socialmente inculcadas e socialmente diferenciadas de ação e interação, condições que, em certa medida, são preenchidas e reproduzidas cada vez que o indivíduo age (THOMPSON, 2000).

### **3 QUESTÕES QUE NORTEARÃO O ESTUDO**

Em vista dos conceitos e reflexões que foram apresentados através da revisão literatura e que não têm a pretensão de serem conclusivos, as questões que nortearão este estudo são:

- As mulheres atletas percebem o meio esportivo como sendo de dominância masculina?
- Elas possuem uma visão crítica em relação ao status que ocupam como atleta e mulher?
- O que as mulheres atletas acreditam que a sociedade espera dela?
- Elas recebem o mesmo tipo de apoio ou cobranças que o homem?
- Existem diferenças salariais entre as atletas e os atletas?

- Como é ser mãe e atleta ao mesmo tempo?
- É mais vantajoso ser homem no esporte?
- Elas se sentem reconhecidas no esporte?

## **4 HIPÓTESES DESCRITIVAS**

A Psicologia apresenta algumas características que a relaciona às ciências naturais, mas também ela é considerada como uma ciência social, assim “de modo geral, as hipóteses elaboradas nas ciências sociais não são rigorosamente causais; apenas indicam a existência de algum tipo de relação entre as variáveis”. (GIL, 1987, p. 64).

### **4.1 Hipóteses centrais**

- As atletas se perceberão diferentemente do que é esperado pela ideologia hegemônica masculina, como: fraqueza, delicadeza, submissão, inatividade, entre outras.
- O ambiente esportivo será percebido pelas atletas como discriminador em relação a mulheres atletas;

### **4.2 Hipótese complementar**

- As atletas apresentarão uma certa similaridade em relação aos autoconceitos de gêneros, tais como: força, superação, independência.

## **5 MATERIAL E MÉTODO**

A pesquisa realizada teve caráter exploratório-descritivo com análise qualitativa enquadrando-se no conceito de SELLTIZ<sup>13</sup> citado por GIL (1987) e

---

<sup>13</sup> C. SELLTIZ. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

MARCONI e LAKATOS (1990). Esse tipo de pesquisa tem a pretensão de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias.

Esse estudo foi submetido à Comissão de Ética e Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo sendo considerado aprovado em 06/08/2004 <sup>14</sup> .

### **5.1 Grupo estudado**

O grupo estudado foi composto por seis atletas e duas ex-atletas brasileiras das seguintes modalidades esportivas: judô (1), natação (1), futebol de campo (1), handebol (3) e voleibol de quadra (2).

A escolha das componentes foi não-aleatória, sendo que a condição para fazer parte do grupo estudado era ter participado de, pelo menos, um evento dos Jogos Olímpicos, pois foi pressuposto que a atleta que chegou a uma competição desse nível reunia condições favoráveis para participar do estudo, tais como experiência no meio esportivo e em outros aspectos da vida enquanto mulher.

Em relação à escolaridade e em nível de descrição, quatro delas possui superior completo em Educação Física, duas estudantes universitárias (Educação Física e Fisioterapia), uma possui o ensino médio completo e uma com o superior incompleto.

### **5.2 Instrumento**

Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio (fitas cassete) para garantir a confiabilidade dos registros e das análises posteriores. As afirmativas A, B, C foram inspiradas em PAIVA (2000). Foi necessário formular questões extras no momento de algumas entrevistas com a finalidade de complementar as informações. Elas apresentam-se como subdivisões das perguntas originais. Todas as entrevistas foram realizadas pela autora deste estudo.

---

<sup>14</sup> Of. CEP/742004/EEFE/09082004 – Parecer CEP – Projeto nº 060.

O roteiro foi elaborado da seguinte forma:

I) Identificação:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Estado Civil:

Filhos:

Quando começou a praticar esporte e essa modalidade?

II) Questões:

1) Na sua opinião o que a sociedade espera da mulher atleta?

2) Na sua opinião o que a sociedade espera do homem atleta?

3) Fale sobre salários entre homens e mulheres no esporte

4) Como foi a maternidade para você?

5) Vou iniciar algumas frases e gostaria que você continuasse:

A) Ser mulher é...

B) Ser atleta é...

C) Ser homem é <sup>15</sup>...

D) Ser reconhecida no esporte é...

6) E se você fosse homem, o que seria diferente no esporte? <sup>16</sup>

7) Existe alguma outra coisa que você queira falar? Alguma coisa que você considere importante sobre esse assunto e que não foi abordado aqui?

### **5.3 Procedimentos**

Os contatos com as atletas foram feitos através de telefone, e-mail e pessoalmente. Não foram percebidas resistências às entrevistas e todas foram muito solícitas.

Durante o primeiro contato foram informados os motivos e objetivos do estudo.

---

<sup>15</sup> Sugerido por V. PAIVA durante exame de qualificação em outubro de 2004

<sup>16</sup> Idem.

Diante da aceitação de cada atleta agendou-se um dia para o encontro de acordo com sua disponibilidade, ou seja, o dia e o lugar ficaram a critério de cada entrevistada. Para realizações das entrevistas solicitou-se às atletas que escolhessem, de preferência, ambientes fechados, sem muitos ruídos para que esses não viessem na gravação.

No dia da entrevista foram explicados novamente os motivos e objetivos da pesquisa, assim como a necessidade da leitura e assinatura do 'Termo de Consentimento Livre e Esclarecido' (ANEXO I).

As entrevistas semi-estruturadas foram gravadas em áudio, a fim de garantir a descrição e as análises posteriores. Elas foram realizadas pela própria autora do estudo. A duração média foi de 50 minutos.

#### **5.4 Tratamento dos dados**

Na primeira fase, as entrevistas foram transcritas na íntegra. Todas as entrevistas foram transcritas exatamente da forma como as atletas falaram, daí a justificativa para erros de concordância, regência, omissão de palavras e sílabas e inclusão de expressões utilizadas apenas na linguagem oral.

Preferiu-se ocultar os dados de identificação, pois as variáveis como idade, escolaridade, local de nascimento, entre outras, não seriam consideradas nesse estudo. E também, por se tratar de um grupo reduzido, houve uma preocupação em garantir o sigilo das atletas.

Por se tratar de uma pesquisa com análise qualitativa, a segunda fase se caracterizou pelo levantamento do conteúdo verbal.

É importante notar que as questões foram respondidas conforme as atletas percebiam, sentiam e pensavam a respeito, ou seja, eram as suas impressões pessoais e subjetivas sobre o assunto abordado.

Portanto, buscou-se através das informações das atletas, verificar as autopercepções de gêneros, suas noções sobre gêneros masculinos e femininos e o que sentiam em relação às desigualdades e expectativas sociais, ao reconhecimento, financeiro e de status, enquanto atletas.



Posteriormente, na terceira fase, foram criadas categorias baseadas nas interpretações dos conteúdos das respostas, destacadas através de palavras e frases consideradas como centrais e norteadoras das análises.

Buscando uma análise mais completa possível dos resultados as respostas na íntegra seguiram-se após cada quadro.

Houve uma preocupação em basear-se na similaridade entre as situações, assim como na experiência profissional da pesquisadora. Autores como: De ROSE JÚNIOR, (1999); DE ROSE JÚNIOR e VASCONCELLOS, (1993); De ROSE JÚNIOR, VASCONCELLOS e SIMÕES (1993); GOULD, ECKLUND e JACKSON (1992) e SEGGAR, PEDERSEN, HAWKES e McGAWN (1997) seguem critérios similares a esse tipo de análise de dados.

## 6 GLOSSÁRIO

Esse glossário foi elaborado com o objetivo de esclarecer os significados das categorias apresentadas nos QUADROS 4, 5, 6, 10 e 12:

A categoria **Desigualdades de Gêneros** se refere a: preconceitos, tratamentos sexistas, ausência de apoio ou de expectativas à modalidade baseados no gênero.

A categoria **Igualdades de Gêneros** se refere a: formas tratamentos, expectativas, níveis de apoios à modalidade ou esporte iguais para homens e mulheres.

A categoria **Cobranças** se refere a formas de cobranças sociais relacionadas à competição esportiva.

As demais categorias construídas são mais comuns e não necessitam de outros esclarecimentos.

## 7 RESULTADOS: APRESENTAÇÕES E DISCUSSÕES

Os QUADROS, 4 a 12, apresentam as categorias. Elas foram baseadas nas interpretações dos conteúdos e destacadas através das palavras e frases centrais.

Cada QUADRO referiu-se ao resumo das respostas. Após cada um deles, foram apresentadas as respostas de cada questão do roteiro de entrevista. Para as discussões elas foram consideradas integralmente.

As atletas foram representadas por sua modalidade e quando existiu mais de uma atleta ela foi distinguida das outras através de número subscrito.

### QUADRO 4 - Questão 1: “Na sua opinião, o que a sociedade espera da mulher atleta?”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES  | CATEGORIA                             |
|-----------------------|--|---------------------------------------|
| Judô                  | “A mulher é percebida como se fosse fora do padrão. Se a mulher não ganha nada: ‘Pôxa! Não ganhou? Você não pegou nenhuma medalha?’.   | Cobranças<br>Desigualdades de gêneros |
| Natação               | “Hoje não se distinguem mais diferenças entre homens e mulheres”. “Hoje participa da mesma forma que os homens em quase todos os esportes”.  | Igualdades de gêneros                 |
| Futebol               | “Espera bem menos do que em relação aos homens. Não esperam que ela chegue no podium em primeiro lugar. Surpresa quando atinge o podium e/ou boa colocação”.                               | Desigualdades de gêneros              |
| Handebol <sub>1</sub> | “Só quem é importante é o campeão; A mulher é discriminada em relação ao homem; não há expectativas, esperando somente que seja dona de casa. A mulher carrega um estigma”.                | Desigualdades de gêneros.             |
| Handebol <sub>2</sub> | “Existe um pouco de preconceito em relação à mulher pelos homens. Os homens acham que a mulher não é capaz. Acho complicado falar disso”.  | Desigualdades de gêneros.             |
| Handebol <sub>3</sub> | “A sociedade espera que a mulher pratique esporte somente na fase escolar. Não incentiva o esporte feminino; Não é fácil conciliar a família e o esporte e, ter estabilidade financeira”.  | Desigualdades de gêneros;             |
| Voleibol <sub>1</sub> | “Acho que a sociedade nunca espera que a atleta vá se dar bem ou trazer medalha; Ela espera que a gente sempre ganhe; Então a sociedade sempre cobra”.                                     | Desigualdades de gêneros; Cobranças.  |
| Voleibol <sub>2</sub> | “Há uma cobrança muito grande da sociedade; Não apóia financeiramente; Não quer saber das dificuldades que o atleta enfrenta, mas cobra o resultado, independente se for homem ou mulher”. | Igualdades de gêneros<br>Cobranças    |

A categoria **Desigualdades de Gêneros** é a que mais apareceu entre as repostas. Como citada anteriormente, essa categoria se refere aos preconceitos, tratamentos sexistas, ausência de apoio ou de expectativas à modalidade baseados no gênero.

### **Judô**

*A sociedade sempre espera da mulher atleta o máximo. Então é assim: “Ah, foi para a olimpíada, não ganhou? Pôxa vida! Ela não ganhou?” – Como se fosse muito fácil, ser mulher no Brasil, ir para a Olimpíada, e aí, trazer medalha! Então a sociedade espera que a mulher que foi para a Olimpíada ou para um Mundial, venha com o resultado máximo. Porque, eles acreditam que ela é uma supermulher, se ela já conseguiu vencer todas as barreiras aqui, então, é uma super mulher que tá...Daí quando ela volta sem medalhas, as pessoas: “Ué, você não pegou nenhuma medalha? Como você não pegou? Então, eles esperam e nos tratam como se fôssemos fora do padrão...”.*

### **Natação**

*Acho que hoje não se distinguem mais diferenças entre homens e mulheres. Antigamente, quando se fundou os Novos Jogos Olímpicos (1896) não havia mulheres participantes, mesmo porque Pierre de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos Modernos, achava que a mulher suada era feia e deveria apenas aplaudir. Então, só em 1912, pela primeira vez, mulheres participaram em algumas provas de natação, e só em 1928, começou também o atletismo e aos pouquinhos a mulher tomou sua posição dentro dos Jogos Olímpicos, a ponto de, eventualmente, correr até a Maratona e*

*hoje participar da mesma forma como os homens em quase todas as provas.*

**Questão extra:** *Em seu livro você diz que foi muito incentivada a praticar esporte por seus pais, e você diz que isso é devido ao fato de eles serem de descendência européia. Fale um pouco mais sobre isso.*

### **Natação**

*Os pais brasileiros, descendentes de portugueses, eles não gostavam da mulher em público. Entretanto eu devo aos homens o ingresso da natação feminina no cenário nacional, porque naquela época havia alguns jornais em São Paulo, entre eles, o Diário de São Paulo e a Gazeta Desportiva com o famoso Noel Neli, que fizeram questão de introduzir provas femininas, a ponto de incentivarem, o presidente de meu clube a levar pela primeira vez, duas mulheres de São Paulo ao Rio numa competição: a 1ª Interestadual. Você está vendo que foi tudo pioneirismo... Primeira aqui, primeira lá...*

A atleta de futebol disse que a sociedade não ‘vê’ com seriedade o esporte praticado pela mulher: “não é o pódio, não é o primeiro lugar, não é ‘tá’ lá entre os primeiros, não. Para o futebol, principalmente, mas também para outros esportes, até por não ter incentivo, por não ter nada”.<sup>[sic]</sup> A atleta de futebol complementou dizendo que quando uma mulher chega a um pódio olímpico parece que isso deixa as pessoas surpresas por não esperarem essa conquista, dada a falta de incentivo ao esporte praticado pela mulher.

### **Futebol de campo**

*Eu acho que...Bem menos do que os homens...Talvez não o pódio. O 3º ou 2º É...Eu acho que não esperam o 1º*

*lugar...Eu acredito que acontece muito, soa como uma surpresa “Nossa que legal!”, mas eu acho que antes de qualquer competição, as pessoas não, no geral, né? Não vamos citar casos específicos, de algumas atletas que já são super conceituadas, que já têm um nome, aí é diferente, mas o que eu acredito que acontece na maioria, não é o pódio. Não é o primeiro lugar, não é ‘ta’ lá entre os três primeiros, não. Para o Futebol, principalmente, mas também para outros esportes, até por não se ter incentivo, não se ter nada. Então o pessoal já não acreditava que a Juliana Veloso fosse saltar bem na plataforma, no Pan americano e fosse ganhar medalha. Por que, quem conhece Juliana Veloso?*

*Então, às vezes, talvez, não se acredita por não se conhecer algumas atletas que tão aí, que trabalham, que treinam, que tem condição, aí chega lá e então é uma surpresa! Ah! Ganhou 3º, ganhou 2º, é sempre uma surpresa. “Que surpresa o Brasil, e tal, tal, tal”, então, eu acho que algumas modalidades que já têm um respeito, o vôlei, o basquete que já ganhou o mundial, já ganhou outras medalhas. Mas, no Brasil as mulheres não disputam ou participam somente disso. São inúmeras as modalidades eu acho que na grande maioria, não se espera a medalha, não se espera as 1as. Colocações. Isso sempre soa como surpresa.*

### **Handebol 1**

*Ó... Eu acho assim... A sociedade brasileira tem é a princípio, só quem é importante é campeão...Na modalidade... Eu acho que é assim, não tem uma memória muito curta. Tem uma memória muito curta... Em relação à mulher acho que tem um pouco de discriminação em relação ao homem. Tem um estigma. Aqui no Brasil, principalmente, as coisas são voltadas*

*mais para os homens do que para as mulheres. É esperado que sejam donas de casa, que tenham filhos, que fiquem mais em casa. Então eu acho que tem uma certa discriminação. Agora, o que se espera? Não se há muitas expectativas da sociedade em relação pelas mulheres. Acho que há mais expectativas em relação aos homens. É uma expectativa maior. Ela espera que eles sejam os melhores, que eles conquistem... É... Eles têm um estereótipo de heróis. Ela espera isso dessa forma e por enquanto, aqui no Brasil, não é desse jeito, certo?*

As jogadoras de Handebol <sup>1, 2, 3</sup> foram unânimes em suas opiniões. Elas afirmaram que existe um tratamento baseado nas desigualdades de gêneros em relação à mulher.

### **Handebol <sub>2</sub>**

*Olha, é meio complicado falar né? Porque eu acho que ainda existe um pouco de preconceito em relação a mulher atleta, principalmente pelos homens. Assim, ele não 'vê' essa mulher... Sempre olham meio desconfiados, não sabem... Eles acham que a gente não é capaz, entendeu? Então, é meio complicado falar disso, porque não tem um parâmetro. Não dá para falar! Tem gente que acha legal: 'Nossa uma mulher atleta?' Admira. Gosta do nosso corpo. Têm outras pessoas, não. Já olham assim 'Ah! Fica musculoso, que coisa feia, não sei o quê...'*

### **Handebol <sub>3</sub>**

*Acho que a sociedade espera que ela seja somente atleta. Porque hoje em dia no Brasil, tá difícil conciliar até com estudo, imagine com o trabalho? E como não tem o*

*esporte...É...Como é só o futebol tido como um esporte profissional, então fica muito difícil... A sociedade espera que a mulher pratique esporte só na fase escola, porque não ela não incentiva. Para você manter, ter uma carreira e tudo e ter uma estabilidade, precisa conciliar família com esporte, e isso é difícil. Por exemplo, eu sei que eu só posso vir treinar depois que eu deixar minha filha na escolinha e deixar tudo pronto dentro de casa... É muito difícil...*

Na modalidade voleibol que possui uma tradicional atribuição de gênero como sendo ‘mais feminina’, por exemplo, as atletas discursaram de uma forma diferenciada daquelas que estavam em meios esportivos característicos e tradicionalmente mais masculinos.

Conforme SIMÕES (2003) futebol de campo, handebol e o judô são modalidades consideradas masculinas.

É importante lembrar que, em 1965, o Conselho Nacional de Desportos instituiu a deliberação n.º 7 que baixava instrução às entidades esportivas do país sobre a prática de esporte pelas mulheres. Em seu artigo 2 declara “não é permitida a prática de: lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rúgbi, halterofilismo e basebol” (ANDRÉ, 2004; GOELLNER, 2004a).

#### **Voleibol 1**

*É...Na minha opinião, eu acho que a sociedade nunca espera que a gente vá se dar bem ou vai trazer uma medalha. Infelizmente isso não aconteceu na última Olimpíada, porque só a Shelda e a Adriana trouxeram medalha. Mas, a gente queria mais é a, como é que se fala? Força não...É...Mais apoio da sociedade, porque hoje, o futebol é bem mais visto, aqui no Brasil, do que qualquer outro esporte. A gente quer mudar e o vôlei feminino consegue fazer isso. Temos um público melhor do que o masculino. Isso aí já é uma grande*

*vantagem pra gente. Eu espero que a sociedade apóie mais a gente. Não só o vôlei feminino, mas em todos os esportes, que é desde o começo com as crianças.*

**Questão extra:** *Você está me dizendo o que você espera da sociedade. Eu gostaria de saber, também, o que você acha que a sociedade espera da mulher atleta?*

### **Voleibol 1**

*Ela espera que a gente ganhe sempre...Quando eu vim das Olimpíadas todo mundo me cobrava e queriam saber o quê havia acontecido. Então a sociedade sempre cobra. Eles só querem ver a vitória e o importante para eles é ganhar e não a participação ou tentar alguma coisa, mas sempre é estar entre os primeiros.*

### **Voleibol 2**

*Eu acho assim: primeiro eles acham muito fácil. Acham que praticar esportes é muito fácil e não é. Dependendo da modalidade que você faz, não tem patrocínio, não tem incentivo. Você tem que tirar do seu bolso. Praticamente você se sustenta, né? Você não tem retorno e muito das vezes você não pode ter uma atividade paralela. Ainda mais se for “profissional”. O rendimento que você tem que ter é muito grande e a cobrança da sociedade é muito grande, também. Você pode ver pelas Olimpíadas, todo mundo quer medalha, independente do patrocínio que você teve, do incentivo, do tempo que você teve para treinar, do que você fez para se sustentar para poder praticar aquele esporte. Tem muito isso, tem gente que trabalha para poder viajar, para ir para um Mundial, para poder bancar a passagem e a hospedagem.*



*Mas a sociedade não quer saber disso. Ela quer mesmo é o resultado, independente de que forma. Então, eu acho que a cobrança é essa, mas eles (sociedade) não vêem o outro lado, não ajudam para que você obtenha essa vitória. Independente se é homem ou mulher.*

A categoria **Igualdades de Gêneros** apareceu para essa questão somente para as modalidades voleibol e natação.

As atletas do voleibol afirmaram que elas “têm mais time” que o masculino “e são mais favorecidas pelo menor número de jogadoras”, “é que há mulheres que ganham mais do que os homens”.

O comportamento verbal da atleta de voleibol <sub>1</sub> num primeiro momento foi interpretado como defensivo. Como se pode observar ela iniciou dizendo: “a sociedade nunca espera que a gente vá se dar bem ou vá trazer uma medalha”.

A atleta deu início a um desabafo velado em relação à situação que vivenciou a equipe feminina de voleibol nos Jogos Olímpicos de 2004, amplamente divulgada pela mídia cuja expectativa era muito alta em relação à conquista de medalha, o que, de fato, não aconteceu. Reinventada a pergunta a sua maneira, ela respondeu de acordo com suas próprias expectativas em relação à sociedade. Ao término de sua fala, a pergunta foi refeita e ela argumentou, paradoxalmente:

*Ela espera que a gente ganhe sempre... Quando eu vim das Olimpíadas todo mundo me cobrava e queria saber o quê havia acontecido. Eles só querem ver a vitória e o importante para eles é ganhar e não a participação ou tentar alguma coisa, mas sempre é estar entre os primeiros.*

Segundo De ROSE JÚNIOR (1999) as exigências em relação ao alcance do êxito esperado tende a levar os atletas a experimentar elevados níveis de stress.

A importância dada pelas atletas de voleibol às cobranças, às necessidades de “estar sempre entre o primeiro”, concomitante com a falta de apoio

social e institucional, levaram a interpretar essas situações como fontes potenciais de stress. A atleta aproveitou o momento da entrevista para ‘desabafar’.

Para a atleta de judô, as cobranças foram percebidas diferentemente. Segundo ela:

*A sociedade sempre espera da mulher atleta o máximo (...). Como se fosse muito fácil, ser mulher no Brasil, ir para as Olimpíadas, e aí, trazer medalha! (...). (...) eles acreditam que ela é uma supermulher. (...) eles esperam e nos tratam como se fôssemos fora do padrão...*

Normas impostas são vivenciadas como naturais e transculturais e aqueles que destoarem dessa ‘natureza’ serão percebidos pela sociedade como ‘fora do padrão’.

A categoria **Cobranças** aparece tanto para homens como para as mulheres, segundo as opiniões da ex-atleta de natação e das atletas de voleibol.

Mas, em relação à fala da atleta de judô, a categoria **Cobranças** foi percebida (percepção da atleta) como uma forma de projeção de frustração social.

No imaginário social e de uma forma inconsciente existe, aparentemente, uma admiração projetada na figura da atleta, num primeiro momento. Ela representa um potencial de liberdade, poder, superação, ou seja, nas palavras da própria atleta “(...) uma supermulher, porque eles acreditam que ela já conseguiu vencer todas as barreiras aqui (...)”.

Quando essa “supermulher” não corresponde ao que esperado, isto é, o pódio, a medalha olímpica, a sociedade projeta toda a frustração: “só podia ser mulher mesmo!”.

QUADRO 5 – Questão 2: “Na sua opinião, o que a sociedade espera do homem atleta?”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES  | CATEGORIA                              |
|-----------------------|--|--|
| Judô                  | “Não sei se a cobrança é tão grande em relação ao masculino. Eu acho que falo pelo masculino e pelo feminino”.   | Igualdades de gêneros.                 |
| Natação               | “Hoje não se distinguem mais diferenças entre homens e mulheres”.  | Igualdades de gêneros.                 |
| Futebol               | “O homem tem essa coisa cultural machista, ele ‘tá’ lá pra ganhar. Espera-se sempre uma colocação melhor... eles vão ser sempre cobrados para estar entre os primeiros”. | Desigualdades de gêneros.<br>Cobranças |
| Handebol <sub>1</sub> | “Acho que há mais expectativas em relação aos homens; Ela espera que eles sejam melhores, que eles conquistem. Eles têm um estereótipo de heróis”.                       | Desigualdades de gêneros               |
| Handebol <sub>2</sub> | “Acho que a sociedade olha com outros olhos; Acha que o homem atleta é um homem maravilhoso, é um cara que tem dinheiro, espera tudo dele”.                              | Desigualdades de gêneros.              |
| Handebol <sub>3</sub> | “Eu acredito que no homem ela investe mais; A sociedade acha que o homem é mais liberal, porque ele tem a decisão de tá formando a família mais tarde”.                  | Desigualdades de gêneros.              |
| Voleibol <sub>1</sub> | “A minha opinião é uma só: A sociedade só espera a vitória. Não tem essa de apoiar. A sociedade cobra sem saber o que acontece para que os atletas estejam bem”.         | Igualdades de gêneros; Cobranças.      |
| Voleibol <sub>2</sub> | “Espera também resultados e medalhas. A vitória. Independente do sexo”.  | Igualdades de gêneros; Cobranças.      |

A categoria **Desigualdades de Gêneros** também apareceu com mais frequência entre essas respostas.

### Judô

*Nossa! Não sei se essa cobrança é tão grande em relação ao masculino...Não sei.Agora você me pegou...Não consigo nem pensar e nem falar sobre isso...O que a sociedade espera do homem atleta? Não sei...Não sei se ela espera diferente ou se espera, de repente, a valorização, né? Nessa Olimpíada, agora, eu vi muita gente criticando: ‘Mas, como os atletas brasileiros foram maus...’Ninguém sabe o que é ser e chegar lá...Então, aí. Eu acho que eu falo pelo masculino e pelo feminino, né? Acho que a cobrança é muito grande, pelas condições que nos temos,*

*pelo que é o esporte, pela forma em que o esporte chega é tudo muito na raça, tudo muito...Ah, eu quis fazer Judô, eu nem sei se esse é meu esporte. Fiz Judô porque me identifiquei, gostei. Acho muito parecido com a dança. Então, não é alguma coisa de massificação para tirar uma seleção de talentos. Aqui, (no Brasil), não sei, mas até onde chega meu conhecimento, não existe isso...Aí, quando uma pessoa chega sem a medalha a sociedade cobra, cai de pau, detona, né? É o caso de alguns amigos meu que foram para a Grécia e voltaram e tiveram que se afastar um pouco dos treinos, por que essa cobrança é muito grande, então tanto para o homem como para a mulher, enfim para os dois!*

**Questão extra:** *O que você quis dizer com o judô ser igual dança?*

### **Judô**

*O Judô é desenvolvido entre duas pessoas, num tempo, num ritmo...Se você verificar a biomecânica de alguns golpes, o atleta fica na ponta do pé e pela própria etimologia da palavra judô significa 'o caminho da suavidade'. Não acredito em judô luta, para mim judô é uma dança, sempre defini judô como uma dança e até fiz judô porque gostava de dança. Gosto de compasso e dessa coisa de visão rítmica. O judô acontece em um ritmo sim, em um espaço determinado, é um balé. A minha escolha pelo judô foi meio maluca, né? Você me ta dando bastante oportunidade para falar sobre ela: Rimei gravador com judô. Sempre gostei de música e dança. Aí eu queria judô, mas vou brincar de rima, né? Ah tá, vou aprender judô, mas não, eu quero um gravador, isso eu sei que quero primeiro, queria um gravador...Nem rimava, mas na hora de falar o*

*português...Acabei pedindo os dois. O gravador eu não sei se tive, mas 'Já que quer Judô, vai fazer' - disse meu pai.*

### **Natação**

*Acho que hoje não se distinguem mais diferenças entre homens e mulheres. Antigamente quando se fundou os Jogos Olímpicos (1896) não havia mulheres participantes, mesmo porque Pierre de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos Modernos, achava que a mulher suada era feia e deveria apenas aplaudir. Então, só em 1912, pela primeira vez, mulheres participaram em algumas provas de natação, e só em 1928, começou também o atletismo e aos pouquinhos a mulher tomou sua posição dentro dos Jogos Olímpicos, a ponto de, eventualmente, correr até a Maratona e hoje participar da mesma forma como os homens em quase todas as provas.*

As atletas de futebol e handebol <sup>1 2 3</sup> demonstraram similaridades entre as suas respostas em relação às expectativas da sociedade e aos atletas homens. Elas acreditam que a sociedade espera muito mais deles do que delas.

A jogadora de handebol <sup>1</sup> explicitou “que há mais expectativas em relação aos homens. É uma expectativa maior. Ela espera que eles sejam os melhores, que eles conquistem... É... Eles têm um estereótipo de heróis”.

A jogadora de futebol disse que “o homem tem é... Essa coisa... Não sei... essa coisa cultural, machista, ele ‘tá’ lá pra ganhar. Ele sempre tem condições de brigar de igual para igual, independente de qualquer coisa”.

É muito importante notar que essa atleta, mesmo depois de revelar uma certa dúvida, soube distinguir que esse “machismo” é cultural. O atleta homem encontra um ambiente mais favorável para exercer seu papel de atleta brigando de “igual para igual”. Supostamente, para a mulher só lhe restaria corresponder ao que lhe é esperado desde criança em uma cultura machista e essencialista.

ANTUNEZ (2001) afirma que fatores socializantes como estereótipos e padrões culturais, no que se refere a menina, é muito precoce no contexto do esporte.

Para essa mesma autora, tanto para meninos como para meninas, tratamentos diferenciados exercidos por responsáveis pela socialização, dentre eles, pais, professores, treinadores vão cultivando suas identidades. Da mulher espera-se que haja uma diferença em relação ao rendimento; menores expectativas de êxito competitivo; menor aptidão para o treinamento e para a competência física e; maior aptidão para a criatividade, intelectualidade e sensibilidade. Do homem, obviamente, espera-se o contrário.

### **Futebol de campo**

*O homem tem é... Essa coisa... Não sei... Essa coisa cultural, machista, ele 'ta' lá pra ganhar. Ele sempre tem condições de brigar de igual para igual, independente de qualquer coisa. Então, eu acredito que já com os homens acontece o inverso. Espera-se sempre uma colocação melhor, mas também tem aquela modalidade ou outra que é menos conhecida. O pessoal não tem idéia que têm atletas e talvez também possa soar...Né? O pessoal foi para o triatlo, que é assim: ninguém conhece muito e que se, talvez ganhasse um brasileiro, uma competição, o pessoal fala: 'Pôxa!', porque não se tava esperando, mas por não conhecer. Agora, natação, futebol, handebol, todas essas modalidades que o pessoal conhece mais, e que já tem um certo espaço, aí eles vão ser sempre cobrados para estar entre os três primeiros, pra ta bem em campeonatos com título e medalha, eu já acho que soa um pouco diferente, mas para esses que já são conhecidos e que estão na mídia...Que o pessoal conhece. Pra'queles que...Tão...'Escondidos'. Eu acho que a responsabilidade, nem dá, pra ser tanta, que se desse seria essa cobrança, essa responsabilidade.*

**Handebol 1**

*Eu acho assim... A sociedade brasileira tem... É... A princípio, só quem é importante é campeão...Na modalidade...Eu acho que é assim, não tem uma memória muito curta. Tem uma memória muito curta...Em relação à mulher acho que tem um pouco de discriminação em relação ao homem. Tem um estigma. Aqui no Brasil, principalmente, as coisas são voltadas mais para os homens do que para as mulheres. É esperado que sejam donas de casa, que tenham filhos, que fiquem mais em casa. Então eu acho que tem uma certa discriminação. Agora, o que se espera? Não há muitas expectativas da sociedade em relação pelas mulheres. Acho que há mais expectativas em relação aos homens. É uma expectativa maior. A sociedade espera que eles sejam os melhores, que eles conquistem...É...Eles têm um estereótipo de heróis. Ela espera isso dessa forma e por enquanto, aqui no Brasil, não é desse jeito, certo?*

**Handebol 2**

*Ah! Eu acho que a sociedade olha com outros olhos, né? Ainda mais por causa do futebol. Acha que o homem atleta é um homem maravilhoso, é um cara que tem dinheiro, espera tudo dele, né? Já, da mulher, não. É meio complicado. Mas, homem não. Quem vê um homem atleta...Se uma mulher olha para um homem que é atleta e olha para outro que não é, quem vai ganhar a mulher? Com certeza, é o atleta. Ela vai achar que no mínimo ele tem dinheiro, tem um corpo bonito, é sarado e o outro não. Agora se for o contrário: uma mulher atleta e uma não atleta, o rapaz vai olhar para a não atleta. Ele vai falar: 'essa daí? Cheia de músculos, meio masculino', já não vai gostar muito, né? Acho que tem essa diferença, aí!*

**Handebol 3**

*Eu acredito que no homem ela investe mais... A sociedade acha que o homem é mais liberal, porque ele tem a decisão de tá formando a família mais tarde. Não tem tanto compromisso em ter um filho em engravidar e passar pelo período de gestação...Então eu acredito que, por parte da sociedade o homem seja muito visto assim, como um profissional...Ela dá mais crédito, mais tempo para ele praticar o esporte.*

**Voleibol 1**

*Do homem atleta? A minha opinião é uma só: a sociedade só espera a vitória. Não tem essa de apoiar, de saber que foi a primeira vez, em saber que o Brasil tem dificuldades em apoiar os atletas e que são poucos os esportes que têm apoio. Então, ninguém quer saber se há dificuldades, como a gente viu lá em Atenas. É...Atleta sem apoio nenhum conseguindo a vaga. A sociedade só quer saber que eles estão lá e quer que eles ganhem. Não se importam, por exemplo, uma menina do judô, que ficou em quarto lugar, que esse é um ótimo resultado. Um outro menino do Tae kwon Do, também ficou em quarto lugar sendo que eles não têm nem um lugar decente para treinar. Então a sociedade cobra sem saber o que acontece para que os atletas estejam bem. No futebol, também, o feminino ficou em segundo lugar, foi um resultado maravilhoso para o futebol, mas só que todo mundo acha que tinha que trazer o ouro. Então a sociedade cobra muito e o apoio não vem.*

**Voleibol 2**

*Também espera resultados, medalhas. Você vê: o futebol pode jogar contra o SESC da esquina, ou contra a França. Eles (sociedade) querem que ganhe de goleada. O que eles esperam*



*mesmo é o resultado, né? A vitória, a medalha é isso que eles (sociedade) querem. Independente do sexo eles querem um resultado.*

A atleta de handebol <sub>2</sub> deu pistas e demonstrou preconceito ao expressar sua opinião: “(...) uma mulher atleta e uma não atleta, o rapaz vai olhar para a não atleta. Ele vai falar: ‘essa daí? Cheia de músculos, meio masculino’, já não vai gostar muito, né? Acho que tem essa diferença, aí!”, disse ela.

As próprias atletas demonstraram preconceitos em relação às características, físicas e psicológicas, supostamente pertencentes aos homens e que elas necessitam adquirir, quer queiram ou não, para serem competitivas e atingirem os objetivos em uma disputa. Elas acabam reproduzindo opiniões e comportamentos que elas mesmas condenam. Suas percepções se demonstraram confusas em alguns momentos.

A atleta de handebol <sub>3</sub> pareceu sentir, negativamente, o ganho muscular devido à preparação física:

*A mulher muitas vezes, adquire muitos músculos, principalmente aquelas que já têm uma tendência, praticando esporte. Você adquire muitos músculos e aí você fica realmente diferente, né? Então eu digo que a deformação não é um padrão [grifos meus] normal, de uma pessoa normal; é diferenciado por você ser atleta, então todo mundo já vê a diferença.*

Para exercerem, satisfatoriamente, seu papel de atletas, independentes do sexo, todos necessitam desenvolver alguns aspectos: táticos, técnicos, físicos e psicológicos.

Atualmente, com exceção de alguns esportes, o desenvolvimento muscular é inevitável, pois juntamente com outros aspectos trabalhados levam as (os) atletas às conquistas de seus objetivos competitivos.

Contudo, PEREIRA (1984) afirma que o que ocorre é o desenvolvimento muscular e da força física se tornaram parâmetros para rotulá-las como anomalias.

KNIJNIK e VASCONCELLOS (2003) demonstraram que os dirigentes do futebol não entendiam que mulheres desenvolvem músculos devido à prática esportiva e insistiam, no campeonato Paulista de 2001, em mostrar que era possível que mulheres jogassem futebol e ao mesmo tempo continuassem a possuir características femininas [grifo meu].

Essa necessidade de manter constantemente as 'características femininas' como essenciais, inerentes e padronizadas para todas mulheres, mesmo sabendo que elas são capazes de exercerem uma variedade enorme de papéis, deve, implicitamente, conter algum tipo de interesse com finalidade de manter as coisas como elas são, ou melhor, dizendo, estão.

Interessariam às mulheres que supostamente estariam preocupadas em promoverem-se no mundo da moda ou da televisão? Interessaria à mídia? Quanto mais mulheres bonitas e femininas (femininas e de acordo com o padrão enraizado na parte mais inconsciente da sociedade), mais audiência televisiva? Esse é um exemplo, óbvio, de preconceitos baseados no gênero. Mesmo jogando futebol, a mulher pode ser feminina sim, por que não? Ela pode reinventar o ser feminina. Ela não precisa e talvez não queira, corresponder a padrões de feminilidade impostos por uma ideologia sexista e que visa a manter o poder do gênero masculino nos diversos campos da atividade humana.

A sociedade contemporânea parece acreditar que mulheres possam praticar e competir em todas as modalidades esportivas (daquelas que necessitem de rapidez, coordenação motora fina e leveza àquelas que necessitem de força muscular, alto contato físico, e muito suor) desde que, é claro, elas mantenham-se delicadas e femininas de acordo com padrões supostamente corretos.

Quando a atleta de handebol<sub>3</sub> afirmou que "A sociedade acha que o homem é mais liberal, porque ele tem a decisão de 'tá' formando a família mais tarde. Não têm compromisso em ter um filho, em engravidar e passar pelo período de gestação" ela estava denunciando sobre a ideologia sexista que permeia a meio esportivo.

E quando também relatou que o homem tem o direito [concedido pela sociedade], “de tá formando a família mais tarde” ela não demonstrou, naquele momento, dúvidas sobre se a mulher teria ou não esse mesmo direito.

Inconscientemente, as atletas ao mesmo tempo em que criticaram, estavam ou estão vivendo sob essa égide ideológica, não questionando outras possibilidades em relação à família, maternidade e ser mulher. Estavam vivendo, inconscientemente, sob regras implícitas.

Para THOMPSON (2000) essas regras implícitas e que dirigem as ações da vida, por não terem sido promovidas a um nível explícito e consciente, parecem ser aquilo que não é. Elas parecem fazer parte da natureza humana.

Em relação à categoria **Igualdades de Gêneros**, a ex-atleta de natação considerou que “aos pouquinhos a mulher tomou sua posição dentro dos Jogos Olímpicos, a ponto de eventualmente, correr até a Maratona e hoje participar da mesma forma como os homens em quase todas as provas”. [grifo meu]

A mulher realmente vem buscando seu lugar nos Jogos Olímpicos. Contudo, aquelas que chegaram nessa competição passaram por muitas barreiras e “lutas invisíveis”, como afirmou uma das atletas entrevistadas.

Não se pode afirmar que os homens também precisaram passar por essas mesmas “lutas invisíveis” para participar de competições esportivas, nacionais ou internacionais.

O esporte praticado pela mulher, principalmente aquelas modalidades consideradas masculinas, não conta com um apoio político ou com políticas públicas que o levem além do crescimento quantitativo, ao crescimento qualitativo para que as atletas brasileiras possam competir de igual para igual com atletas de outros países de alto nível internacional.

O esporte é ainda um mundo, predominantemente, masculino e ainda se tem muito que fazer no campo político (GOMES BOTELHO, 2004).

Não existe um incentivo político e organizado para que as mulheres pratiquem esportes ou integrem ao seu cotidiano um significado para atividade física (MOURÃO 2003).

O significado da atividade física dependerá dos objetivos pessoais e tanto poderá ser para promoção da saúde e estético como para o lazer ou competitivo.

Independente do significado e dos objetivos a participação da mulher em atividades físicas e esportivas, segundo GOELLNER (2004b) é consideravelmente menor em relação aos homens.

O envolvimento das mulheres nas condições de atletas, técnicas, jornalistas ou somente como expectadoras nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádio e nos meios de comunicação em massa, ainda é muito desproporcional em relação aos homens nessas mesmas condições.

A jogadora de voleibol <sub>2</sub> afirmou que a sociedade “Também espera resultados, medalhas. (...). Independente do sexo eles querem um resultado”.

Para a jogadora de voleibol <sub>1</sub>:

*A sociedade só espera a vitória. Não tem essa de apoiar...  
Atleta sem apoio nenhum conseguindo a vaga. A sociedade só quer saber que eles estão lá e quer que eles ganhem. Não se importam, por exemplo, uma menina do judô, que ficou em quarto lugar, que esse é um ótimo resultado. Um outro menino do Tae kow Do, também ficou em quarto lugar sendo que eles não têm nem um lugar decente para treinar. (...).*

Foram consideradas duas categorias **Igualdades de Gêneros e Cobranças** para essas respostas.

As jogadoras de voleibol <sub>1 2</sub> deram muita importância às cobranças sociais e a falta de apoio. Pareceram achar injusto que haja cobranças muito intensas de uma sociedade que não apóia ou que não dá importância ao esporte de uma forma geral.

Esse tipo de cobrança, onde existe assimetria entre o apoio e a cobrança, leva atletas a vivenciarem situações que causam muito stress.

QUADRO 6 – Questão 3: “Fale sobre os salários entre homens e mulheres no esporte”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES   | CATEGORIA                 |
|-----------------------|---|---------------------------|
| Judô                  | “As diferenças são gritantes”.  | Desigualdades de gêneros  |
| Natação               | “Depende muito do atleta. São poucos que têm uma subvenção, ou auxílio financeiro, tem que ser mesmo de classe internacional”.  | Igualdades de gêneros     |
| Futebol               | “É uma piada de mau gosto!”.  | Desigualdades de gêneros. |
| Handebol <sub>1</sub> | “Acho que tem um pouco de diferença porque a seleção feminina de handebol tem muito mais chances do que a masculina”.   | Desigualdades de gêneros. |
| Handebol <sub>2</sub> | “Tem atleta mulher que ganha R\$500,00 reais por mês e que joga super bem, joga em mundiais, mas tem atleta que não joga tão bem, mas só porque é atleta masculino ganha em torno de R\$2000,00 por mês. Então eu acho isso um absurdo!”. | Desigualdades de gêneros. |
| Handebol <sub>3</sub> | “Sempre houve uma grande diferença”   | Desigualdades de gêneros. |
| Voleibol <sub>1</sub> | “No meu esporte não é muito diferenciado; Acho que até o feminino ganha melhor que o masculino”.  | Desigualdades de gêneros. |
| Voleibol <sub>2</sub> | “No vôlei de quadra as mulheres têm um salário melhor do que o dos homens, em relação aos clubes”.  | Desigualdades de gêneros. |

Algumas frases resumiram as situações de diferenças salariais, negativamente, para o judô e o futebol de campo: “as diferenças são gritantes”, “Hoje não sei afirmar, mas que a diferença existe, existe”, [na época em que competia a diferença entre salários era em torno de 40%], “é uma piada de mau gosto!”, “a gente não tem campeonato, mal tem salário”, “no ano passado (2004), times pagaram cem reais por mês, entendeu?”, “acho que no futebol isso é gritante, é uma coisa absurda!”

### **Judô**

*As diferenças são gritantes. Hoje estou desatualizada e não sei quando ganha uma atleta competindo pela seleção. Mas, chegou a ser, isso quando eu competia, chegou a ser quatro vezes mais para o atleta homem com os mesmos títulos: Campeão Pan-americano; Campeão Sul americano, ou seja, uma mulher, com os mesmos títulos, ganhava em torno de ¼ do que ganhava esse homem. Hoje não sei afirmar, mas que a*

*diferença existe, ainda existe. Em 1988, por ser a primeira Olimpíada, sendo tudo muito experimental (o judô estava em caráter experimental), então tinha essa diferença, em 92 também. E hoje eu sei através dos bastidores, existe uma diferença, sim.*

### **Natação**

*Isso depende muito do atleta. São poucos os atletas que têm uma subvenção ou um auxílio financeiro, tem que ser mesmo de classe internacional. E é muito diferente do futebol. O futebol garante ao jogador um salário fabuloso, a ponto de levar os clubes à falência, né. Mas na natação é muito diferente: quem realmente financia são as firmas protetoras que ajudam o atleta. Até recentemente só havia dois ou três homens que se destacavam. Agora entraram as meninas, também, e eu não sei qual é a situação econômica delas. Mas eu tenho certeza que elas também recebem alguma subvenção, porque hoje em dia nada-se muitas e muitas horas e então é preciso que se tenha alguma subvenção.*

A atleta de futebol falou sobre a falta de reconhecimento e sobre falta de distribuição de poder:

### **Futebol de campo**

*É... É uma piada de mau gosto! Piada! Você não precisa nem pegar um Tevez <sup>17</sup> da vida que vem aí, comprado por 20 milhões de dólares. É uma coisa completamente desproporcional, não dá nem pra comentar, não tem o que falar! A gente não tem campeonato, mal tem salário. Hoje...*

---

<sup>17</sup> Jogador estrangeiro (argentino) comprado pelo Corinthians.

*Vai, no ano passado, acho que times, aí, que pagaram atletas, algumas receberam cem reais por mês, entendeu? Tem, tudo bem. Agora tem um lugar para morar, tem uma alimentação. Mas, uma mulher com cem reais por mês! Você não compra nem o seu xampu, essas coisas, você não consegue. E pra fazer outras coisas, entendeu? E essa é praticamente a realidade. Uma ou outra, vai falar que estava muito bem no ano passado, que 'tava' em uma equipe e que tinha patrocínio, ganhou quinhentos reais por mês! Agora, o que são quinhentos reais por mês, perto de um menino, talvez com 16 anos hoje, ganhando, dependendo do clube dez ou quinze mil por mês? É totalmente desproporcional, uma coisa que não tem nem como comparar, não dá! Acho que no futebol isso é gritante, é uma coisa absurda. Nos outros esportes tem uma diferença, mas acredito que não seja tão grande. Existe, existe, mas aí, se você fala, por exemplo, eu ganho dez mil reais por mês e ele ganha trinta mil reais por mês na minha cabeça que não ganho nada, dez mil para trinta mil não é tão distante assim. Existe uma diferença, todo mundo sabe, os salários femininos são menores, os cargos de respeito, de confiança, ou são menores ou não existem. Pouco se vê mulher como treinadora ou técnica, num cargo de confiança dentro de uma diretoria e isso é dentro de qualquer modalidade. Claro que algumas têm mais mulheres, como por exemplo, o vôlei. Têm pessoas lá dentro, mulheres que jogaram, tudo lá dentro, mas perto dos homens, sempre a porcentagem é extremamente desproporcional, muito diferente.*

As jogadoras de handebol <sup>1 2 3</sup> perceberam que mesmo jogando com um alto rendimento ainda ganhavam menos do que os homens.

A Atleta de handebol <sup>1</sup>, em seu discurso, denunciou a falta de reconhecimento financeiro, pois mesmo com mais possibilidades de conquistar títulos internacionalmente, ganham menos do que os homens nos clubes:

#### **Handebol <sub>1</sub>**

*No handebol acho que tem um pouco de diferença porque a seleção feminina de handebol tem muito mais chance do que a masculina. Se a gente for comparar com o voleibol, o feminino e o masculino são diferentes. Veja, o handebol feminino tem muito mais chance internacionalmente, então em nível de Brasil, de uns três anos para cá, as coisas melhoraram um pouco. Dá para se viver um pouco desse salário. Antigamente, a gente praticamente pagava para treinar ou para jogar. Da última Olimpíada [sic] para cá já melhorou bastante. No handebol existem meninas que ganham mais do que os homens.*

#### **Handebol <sub>2</sub>**

*Acho que hoje ainda é muita grande a diferença de salários. Eu tiro até pelo futebol feminino e masculino, né? Com grandes atletas aí...A gente foi para as Olimpíadas e conviveu com as meninas, tem meninas que ganham 200 reais por mês, enquanto atletas que jogam bem ganham cinqüenta mil por mês. A gente, aqui no handebol, não tem essa diferença, mas tem. Por exemplo: Tenha atleta mulher que ganha quinhentos reais por mês e que joga super bem, joga em mundiais, 'tá' aí jogando. Mas tem atletas que não jogam tão bem, mas só porque é um atleta masculino ganha em torno de dois mil reais por mês. Então, eu acho isso um absurdo! Mas, não é só no esporte não. Na vida, em outras áreas de trabalho também acontece isso, então é complicado, né?*



A atleta de handebol <sub>3</sub>, especialmente, de uma forma leiga e sábia percebeu que não é natural essa desigualdade, ela não sabia dizer quem inventou 'isso'. Porém isso existia e existe mantendo-se durante todo percurso histórico do esporte.

Independente de leis em favor das igualdades, a força da tradição e do poder institucional estão assentadas em bases históricas e sócio econômicas que, conforme ARAUJO (2002) extrapolam a própria legislação, intensificando e reproduzindo desigualdades de gêneros.

A atleta de handebol <sub>3</sub> declarou:

### **Handebol <sub>3</sub>**

*Sempre houve uma grande diferença. Não sei por quê. Porque as competições são iguais, os treinos são iguais, até acredito que as mulheres têm um poder de superação maior do que os homens, por ter o período de gestação, o período menstrual, a T.P.M., sabe? E tem a deformação do corpo, acredito que tenha mais dores musculares, e tal, e... Eu acho que há uma grande diferença de salários que não deveria ter, não sei quem estipulou isso, mas é mantida assim até hoje essa diferença de salário a menor, para a mulher. [grifo meu].*

**Questão extra:** *Você falou em deformação do corpo. Você pode falar mais sobre isso?*

### **Handebol <sub>3</sub>**

*Ah, eu...Músculos...O homem já tem uma tendência a ter músculos e...Pra sociedade é normal homem ter músculos. Para a mulher muitas vezes, adquire muitos músculos, principalmente aquelas que já têm uma tendência, praticando esporte. Você adquire muitos músculos e aí você fica realmente diferente, né? Então eu digo que a deformação não*

*é um padrão normal, de uma pessoa normal. É diferenciado por você ser atleta, então todo mundo já vê a diferença. E ser diferente é... Olha, hoje em dia para mim não é problema, mas assim na minha adolescência, eu tinha... .Eu achava que minhas costas eram muito largas, para eu por uma blusinha eu achava que tava, muito assim, aparecendo, eu me sentia incomodada, mas depois eu me acostumei, né? Atleta é diferente de pessoas normais, né? Diferente no corpo. Tem mais músculos, como falei, então você acaba se sentindo diferente. É vaidade, o 'feminismo', muitas vezes você tem o corpo mais forte e o esporte exige que você seja mais forte e você se sente diferente quando vai colocar uma blusinha, uma roupa mais feminina.*

Embora a categoria **Desigualdades de Gêneros** tenha se apresentado em quase todas as respostas destaca-se que para o voleibol ela foi positiva. Segundo suas declarações elas ganhavam mais do que os atletas homens:

#### **Voleibol 1**

*No meu esporte não é muito diferenciado, tanto o masculino como o feminino. Até acho que o feminino ganha melhor que o masculino. No vôlei é diferente. Isso daí é meio complicado para falar, porque eu não tenho acesso aos outros salários. Mas eu sei que no vôlei feminino todo mundo ganha, razoavelmente, bem. E os atletas de ponta ganham melhor. Isso daí é em todos os esportes.*

**Questão extra:** *O que você quer dizer que no vôlei é diferente? O masculino tem muita gente e o feminino, menos. São poucas as jogadoras que se destacam. Tem gente no feminino que também ganha, razoavelmente, mal. É mais*

*uma ajuda de custo. Mas no masculino é muita gente. Então o que tem de menino sobrando no mercado, não é brincadeira. Eles têm até que sair mais do que as meninas. E isso não é legal, porque são meninos que podem até pegar uma Seleção. Ainda bem, né? Porque há tempos atrás o masculino ganhava bem melhor que o feminino e agora já é o contrário. O feminino ganha melhor.*

### **Voleibol 2**

*No vôlei de quadra a mulher tem um salário melhor do que o homem. Mas por um outro lado, o masculino tem muito mais time do que o feminino. O investimento é menor, lógico que tem aqueles atletas TOP que recebem um salário de Seleção, uma coisa ou outra, mas em geral eles (os homens) falam que o nosso salário é maior que os deles, no clube.*

As desigualdades de distribuição e do reconhecimento dos cargos de comando e salários entre homens e mulheres são explicadas por FRASER (2002) através de gênero como uma categoria e como uma das facetas de um projeto político muito mais amplo.

Os dados levantados e apresentados por MOURÃO e GOMES (2004) buscam representar a falta de distribuição de cargos de comandos para as mulheres envolvidas no esporte (QUADRO 2).

No esporte, também, gênero é estruturante dividindo, maiores salários para os homens e menores salários para mulheres e mesmo que as mulheres, em termos quantitativos possam exercer as mesmas modalidades esportivas que os homens, elas não são reconhecidas como tais.

Segundo FRASER (2002) uma das características da injustiça de gênero é o androcentrismo que supervaloriza traços associados ao masculino e desvaloriza traços associados ao feminino.

Originariamente androcêntrico, o esporte supervaloriza traços associados ao masculino exclusivamente aos homens, e desvaloriza esses mesmos traços quando são demonstrados por mulheres atletas, passando a partir daí a ser rotuladas como anomalias.

Independentemente da área em que a mulher atue, seja no trabalho ou no esporte, ela sofre conseqüências em função da cultura androcentrista. A mulher no esporte busca, no mínimo, o reconhecimento e o respeito de seu desempenho e conquistas enquanto atleta e também a possibilidade de poder exercer cargos de poder em instituições esportivas, que atualmente, ainda são delegadas somente ao homem.

Para os atletas e as atletas de alto rendimento a prática esportiva é o único meio de remuneração, sendo encarado como uma forma de profissão, mesmo que ainda não seja reconhecido como tal, com exceção do futebol. É imprescindível a afirmação financeira através do esporte, pois enquanto a mulher não tiver condições favoráveis para conquistar sua independência financeira ela será vulnerável as diversas facetas do poder.

No esporte é muito comum encontrar atletas que têm grande destaque e alto desempenho ganharem mais do que seus colegas de equipe. São atletas que possuem gratificações de patrocinadores ou extras dos clubes. O critério adotado geralmente é baseado no alto desempenho, destaque na mídia e conquistas de campeonatos importantes.

#### QUADRO 7 – Questão 4: “Como foi a maternidade para você?”

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES   | CATEGORIA   |
|-----------------------|---|---|
| Natação               | “Hoje em dias as mulheres têm neném e depois vão competir de novo. Eu acredito que seja bastante problemático... Fazer as duas coisas é difícil conciliar”.   | Dificuldade para conciliar                                      |
| Handebol <sub>3</sub> | “A maternidade também é uma agressão ao corpo. Você perde a forma física. Tem todo aquele tempo para recuperar. Para conciliar tudo isso você tem que superar muito a si mesma. Na maioria das vezes, a mulher quando tem filho pára de praticar o esporte. Querer ter filho e querer tá no esporte é um sacrifício”. | Agressão ao corpo;<br>Sacrifício;<br>Dificuldade para conciliar |

### **Natação**

*Isso tudo começou bem mais tarde. Para início de conversa, eu me casei com mais de 30 anos. Eu continuei a ensinar como professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro...Mas eu não participei de competições e hoje em dias as mulheres têm neném e depois vão competir de novo e eu acredito que seja bastante problemático, dependendo também do esporte, fazer as duas coisas, é difícil conciliar...*

### **Handebol <sub>3</sub>**

*A maternidade também é uma agressão ao corpo. Você também perde a forma física. Tem todo aquele tempo para voltar, para recuperar. Você passa por vários períodos emocionais. Para conciliar tudo isso, você tem que superar muito a si mesmo. Precisa conciliar a vida de esposa, mãe e atleta. Na maioria das vezes, a mulher quando tem filho ela pára de praticar o esporte. Ela acha muito difícil 'tá' retornando, mesmo tendo o mesmo desempenho.*

Das oito mulheres entrevistadas duas delas são mães e ambas declararam ser muito difícil conciliar a vida atlética com maternidade.

A ex-atleta de natação lembrou que somente decidiu por ser mãe após deixar de nadar em campeonatos oficiais. Ela disse que para as atletas que são mães, retornar à rotina de treinos e competições é muito complicado.

Na opinião da atleta de handebol <sub>3</sub> a maternidade é "(...) também, uma forma de agressão [grifos meus] ao corpo". Anteriormente, ela já havia salientado que ser esportista leva a mulher a desenvolver músculos, sofrendo uma deformação do corpo.

MOURÃO (2003) afirma que elas abandonam ou diminuem a participação esportiva a partir do casamento; retardam o casamento ou decidem não ter filhos devido à pressão do contexto esportivo.

Filhos, família, casamento, nível socioeconômico são considerados situações de stress extracompetitivas para De ROSE JÚNIOR (1999).

QUADRO 8 – Afirmativa 5. A: “Ser mulher é...”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES   | CATEGORIA                                     |
|-----------------------|---|---|
| Judô                  | “Ter objetivos claros e definidos e nunca desistir de suas conquistas”  | Determinação<br>Objetividade<br>Assertividade |
| Natação               | “Ser lutadora contra todos os conceitos e preconceitos”   | Força<br>Determinação                         |
| Futebol               | “Ser forte... por toda essa situação machista e tudo mais”. <sup>18</sup>   | Força;<br>Combativa                           |
| Handebol <sub>1</sub> | “É ser batalhadora, é ter seus objetivos traçados e ir atrás deles apesar de todas as dificuldades impostas pela sociedade”.  | Determinação<br>Força<br>Assertividade.       |
| Handebol <sub>2</sub> | “Ser mulher é lindo!... quando você fala: é mulher você pensa em uma coisa delicada, tipo uma flor... É bonito de se ver, de se tocar. Diferente do homem que é meio bruto...”. | Delicadeza                                    |
| Handebol <sub>3</sub> | “É a superação para mim. Ser mulher atleta é superar tudo”.   | Superação<br>Determinação                     |
| Voleibol <sub>1</sub> | “Sempre lutar, sempre conquistar seus objetivos. A mulher é muito sensível Tem que saber falar”. Essa sensibilidade “vem da mulher mesmo... A mulher é sensível”.               | Determinação<br>Sensibilidade                 |
| Voleibol <sub>2</sub> | “Ser forte. Derrubar barreira; Não ser submissa”.   | Força.<br>Independência                       |

**Determinação, objetividade, assertividade, força, combatividade, superação e independência** foram as categorias encontradas em quase todas as respostas contrariando todas as expectativas daqueles que acreditam que a mulher deva ser passiva, fraca e dependente.

Para Pierre de Fredy – O Barão de Coubertin – o espírito de sacrifício, força de vontade, tenacidade e poder de decisão eram virtudes masculinas e essência do ideal guerreiro (TAMBURRINI, 1999).

<sup>18</sup> Nesse momento da entrevista a atleta começa a chorar.

Elas opuseram-se a ordem de gênero corrente, o masculino. E não seria por acaso que, socialmente, essas mulheres são percebidas como “fora do padrão” ou como “anomalias” e estigmatizadas.

Percebeu-se uma dinâmica voltada a imposição. As mulheres de que se imporem para conquistar seus direitos e superarem os preconceitos. São as tais ‘lutas invisíveis’ e as barreiras antes citadas: “É ser uma lutadora contra todos os conceitos e preconceitos... e com uma visão ampla em que se queira realmente se destacar o assunto que se defende”.

### **Judô**

*Ter objetivos claros e definidos e nunca desistir de suas conquistas... Nossa! Agir segundo seu coração, sua vontade... Seu coração deve guiar bastante, também em decisões... Ah, não sei mais... (silêncio) não sei...*

### **Natação**

*É ser uma lutadora contra todos os conceitos e preconceitos... E com uma visão ampla em que se queira realmente destacar o assunto que se defende.*

### **Futebol de campo**

*Ser forte... Eu acho que ser forte, por toda essa situação machista e tudo mais. É ser forte, né? (nesse momento a atleta começa a chorar).*

### **Handebol <sub>1</sub>**

*É ser batalhadora, ter seus objetivos traçados e ir atrás deles, apesar de todas as dificuldades impostas pela sociedade e pela família. É ir buscar seus objetivos, batalhar por eles e conquistá-los. Parece que há mais obrigação para a mulher construir a família...Ela tem uma dificuldade maior. E eu acho*

*que para quem se dedica tanto para esse lado (esporte) é mais difícil. Isso não quer dizer que não se possa formar uma família. Tem muitas meninas que têm, mas é um lado mais difícil. Tem que ter um companheiro que te entenda, de preferência que até seja do meio para você conseguir levar adiante.*

### **Handebol 2**

*É lindo! Ser mulher é lindo! Não existe coisa melhor. Sei lá, não tenho palavras, sabe...É lindo para mim. Vou tentar explicar: Ser mulher para mim é... Quando você fala é mulher você pensa em uma coisa delicada, tipo uma flor. É delicada, é bonito de se ver, é bonito de se tocar, acho mulher assim, diferente do homem que é meio bruto, essas coisas...*

### **Handebol 3**

*É a superação para mim. Ser mulher atleta, principalmente, é superar tudo.*

### **Voleibol 1**

*Sempre lutar, sempre conquistar seus objetivos e ser sensível também.*

**Questão extra:** *O que você quer dizer com ser sensível também?*

### **Voleibol 1**

*A mulher é muito sensível. Não é qualquer bronca que a gente aceita. No masculino já é diferente. Eles já saem na porrada e no feminino, não. Tem que saber falar... Porque dependendo do dia a gente 'tá' mais sensível. Então chora. Não tem jeito. E é isso que eu*



*acho que a comissão técnica deve lidar melhor: do jeito que a gente tá no dia.*

**Questão extra:** *De onde vem essa sensibilidade?*

**Voleibol 1**

*Vem da mulher mesmo, né? Você sabe como é que é, né? Tem dia que se está bem mais sensível do que em outros dias. Tem dia que você parece até uma pedra. Eu por exemplo, eu falo de mim, né? Nada me abala. Mas tem dia que qualquer coisinha me dá vontade de chorar. Então isso é da mulher, né. A mulher é sensível.*

**Questão extra:** *E o homem? Como é isso para o homem, na sua opinião?*

**Voleibol 1**

*O homem? Eu acho que o homem...Não sei, eu não sou homem! (risos) Eu acho que o homem é mais firme nas coisas. Não que a mulher não seja, mas o homem coloca a...Eu acho que dizem para ele desde criança que ele não pode chorar, então é isso que eles levam para a vida toda. Mas eu tenho certeza que tem alguns sensíveis.*

**Voleibol 2**

*Ser forte, derrubar barreiras, que não é fácil. Não ser submissa, porque isso é o que a sociedade quer da mulher...Há certos preconceitos em relação a isso, como a mulher ser mais fraca, não ter capacidade para realizar coisas. Então, eu acho que ser mulher é ser forte para superar tudo isso.*

Para sobreviver no mundo esportivo, independente de homens ou mulheres, as características acima descritas devem ser desenvolvidas ou seriam elas já encontradas nas pessoas antes mesmos de serem atletas?

PEREIRA (1984) e SIMÕES, KNIJNIK e MACEDO (2000) acreditam que a mulher adota características masculinizadas, a fim de se igualar ao homem.

Essas características não podem ser consideradas como atributos exclusivos aos homens. Elas podem e são desenvolvidas em qualquer um dos dois gêneros, independentes se forem profissionais do esporte ou de qualquer outra atividade produtiva.

O que parece acontecer é que são socialmente valorizados e que parecem fazer parte de sua natureza masculina: atividade, força, bravura, coragem, autocontrole, iniciativa, aptidão para competir, capacidade para dominar e comandar (COSTA, 1989; TAMBURRINI, 1999; PEREIRA, 1984; SIMÕES, KNIJNIK & MACEDO, 2000).

Assim como os homens desenvolvem atributos como sensibilidade, delicadeza, fragilidade, sendo ou não heterossexuais.

Por um outro foco, talvez as atletas não precisariam se igualar aos homens para se imporem se elas tivessem os mesmos direitos, recebessem os mesmos salários, cargos de comandos e fossem reconhecidas como tal.

A sociedade deverá aprender sobre a diversidade de papéis que a mulher é capaz de reinventar. Os atributos históricos sejam eles femininos ou masculinos, se transformam conforme a humanidade evolui.

Ao se essencializar o comportamento humano corre-se o risco de patologizá-lo <sup>19</sup>, pois se reduz toda uma rica variabilidade de comportamentos e possibilidades de vivências humanas às restrições do determinismo biológico.

De uma forma interessante, a atleta de voleibol <sup>1</sup> colocou que a mulher deve “sempre lutar, sempre conquistar seus objetivos e ser sensível, também”. Quando indagada sobre isso ela diz que “a mulher é muito sensível. Não é qualquer bronca que a gente aceita. No masculino já é diferente...” [grifo meu].

---

<sup>19</sup> V. PAIVA. Gêneros e sexualidades em contextos psicossociais diversos. 1º sem. 2003. Notas de aula expositiva.

Depois mediante a pergunta 'De onde vem essa sensibilidade?' Ela respondeu: "Vem da mulher mesmo, né? Você sabe como é que é, né?" [grifos meus]. Tem dia que se está bem mais sensível do que em outros dias. (...).Então isso é da mulher, né? A mulher é sensível ". [grifo meu]".

E também perguntando: 'E o homem? Como é isso para o homem em sua opinião'? Ela responde:

(...) Eu acho que o homem é mais firme nas coisas. Não que a mulher não seja (...). Eu acho que dizem para ele desde criança que ele não pode chorar, então é isso que ele leva para a vida toda. Mas, eu tenho certeza que tem alguns sensíveis. [grifo meu]

Essa seqüência, das falas da atleta, deixou claro de como podem ser confusas as noções de natureza versus construção social dos gêneros: "Vem da mulher mesmo né? Você sabe como é, né?" Ela não está certa disso, não lhe é muito claro e sutilmente evoca a cumplicidade da pesquisadora por essa ser mulher. Logo em seguida, e depois de ter elaborado melhor seu pensamento, ela disse que o homem desde criança é educado para não chorar. O menino cresce educado dessa forma, isto é se constrói um tipo de comportamento masculino estereotipado.

QUADRO 9 – Afirmativa 5. B: “Ser atleta é...”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES   | CATEGORIA                                 |
|-----------------------|---|---|
| Judô                  | “... Treinar, treinar, treinar e treinar. Eu acho que nós sempre somos atletas. Seja no esporte, ou em alguma outra coisa que você queira fazer”. | Disciplina<br>Determinação                |
| Natação               | “É preciso que seja dedicado, disciplinado e com muita vontade para superar todas as dificuldades que encontrar”.                                 | Disciplina                                |
| Futebol               | “Acho que é (chorando) força de vontade, passar por muitas dificuldades em vários lugares. Ser atleta é mais difícil. Ser mulher é mais fácil”.   | Determinação<br>Superação de dificuldades |
| Handebol <sub>1</sub> | “Tem muito a ver com ser mulher. Ser batalhadora, traçar seus objetivos e correr atrás deles. Gostar muito do que faz e se entregar totalmente”.  | Força<br>Determinação<br>Dedicação        |
| Handebol <sub>2</sub> | “É minha vida, minha profissão, tô estudando para comandar várias atletas, quero ser técnica”.  | Profissão                                 |
| Handebol <sub>3</sub> | “Dedicação, amor ao que faz, muita dedicação e disciplina”.   | Dedicação<br>Disciplina                   |
| Voleibol <sub>1</sub> | “Treinar muito, dedicação, se cuidar, traçar um objetivo”.  | Disciplina<br>Dedicação,                  |
| Voleibol <sub>2</sub> | “Não é fácil. Realizar um sonho!”.  | Dificuldade<br>Realização                 |

**Disciplina, determinação, superação, força, dedicação, profissão e realização** foram os adjetivos categorizados encontrados em todas as respostas.

Notou-se a aproximação do papel de atleta com os outros papéis exercidos durante o decorrer da vida:

A atleta de judô disse “Eu acho que nós sempre somos atletas. Seja no esporte, seja em alguma outra coisa que você queira fazer...”. Para ela é necessário reunir sempre características como determinação, dedicação, disciplina, entre outras para realizar qualquer projeto de vida.

### **Judô**

*Ser atleta!... Nossa agora você me pegou! (risos) treinar, treinar, treinar e treinar. Eu acho que nós sempre somos atletas. Seja no esporte, seja em alguma outra coisa que você queira fazer... Acho que ser atleta está muito ligado ao treinamento... Você polir... Como se fosse um machado: você vai polindo esse machado para que ele fique o mais afiado*

*possível pra quando chegar uma árvore você derrubar, sem dúvidas.*

### **Natação**

*É preciso que seja dedicado, disciplinado e com muita força de vontade para superar todas as dificuldades que se encontrar.*

A atleta de futebol de campo se emocionou muito e chorou enquanto respondia a essa questão, pois na sua opinião, é mais fácil ser mulher com outra profissão, do que ser atleta mulher, mediante um ambiente competitivo e eminentemente masculino:

### **Futebol de campo**

*Sei lá, acho que é (chorando) força de vontade, passar por muitas dificuldades em vários lugares. Sei lá..., É muito difícil muito difícil. Isso porque eu, assim: não almejo nada, não. Mas, tem pessoas que eu conheço, que sei que estão aí, putz! Se eu me sinto assim, e não tenho tanta essa coisa de querer mais do futebol, porque eu tenho minha faculdade e almejo outras coisas, eu consigo ter claro o que é o esporte, o que posso tirar...Eu acho que desde o começo, eu sempre tava estudando e eu nunca deixei que o esporte me levasse cem por cento. Eu sei que tinha aquela portinha de saída. Não vai dar certo...Não posso acreditar...Talvez não seja assim...Eu tenho que ter outra coisa, porque se não o tombo vai ser grande. E algumas pessoas, isso dentro do futebol, não tem essa visão, né? Então talvez, amanhã ou depois, e aí? Passou vinte e cinco anos como atleta, não trabalhou, não tem experiência, não tem estudo, não tem nada, como é que você vai entrar no mundo e dizer: "Prazer mundo! Agora estou aqui. Estou chegando e preciso que você me acolha, que eu tenha algum lugar." Então*

*é muito difícil ser atleta. É muito complicado. Isso também não é só para a mulher. Tem casos de homens dentro do futebol. Porque Futebol é futebol. Mas, futebol é para dez por cento da grande massa que joga, que se dedica e acredita que vai chegar lá. Então, eu acho que é complicado ser atleta no Brasil, hoje em dia é complicado. (chorando). Ser atleta é mais difícil. Ser mulher é mais fácil. É mais gostoso. Eu acho que a gente 'tá' conseguindo, como mulher, mais espaço do que como atleta. Como mulher profissional, como mulher dentro da sociedade acho que a gente tá conseguindo mais espaço, é claro, é notório em várias situações. Agora como mulher atleta é muito complicado bem mais complicado. Acho muito mais fácil, você sair e lidar com o mundo, bater de frente com a sociedade.*

Na opinião da atleta de handebol <sub>1</sub> ser atleta “tem muito a ver com ser mulher”:

#### **Handebol <sub>1</sub>**

*Para mim tem muito a ver com ser mulher, né? Ser batalhadora, procurar traçar seus objetivos e correr atrás deles, se dedicar muito. Primeiro você tem que gostar muito do que faz, pra você se entregar totalmente e chegar numa Olimpíada, jogar fora, ir para o exterior.*

#### **Handebol <sub>2</sub>**

*Hoje é minha vida, é a minha vida, foi o que sempre quis, e hoje é minha vida, é minha profissão, meu trabalho, to estudando para comandar várias atletas, quero ser técnica no futuro, então hoje ser atleta é minha vida.*

### **Handebol <sub>3</sub>**

*Dedicação, amor ao que faz, muita dedicação e disciplina.*

Ser atleta de alto nível “não é fácil” nas palavras da atleta de voleibol <sub>2</sub>. A prática de esporte de alto nível, realmente, requer muito, tanto do atleta homem ou quanto da atleta mulher.

O esporte de alto nível é excludente, e se opõe totalmente aos conceitos de esporte educação, esporte para inclusão social ou a prática esportiva como uma forma de promover bem estar físico e psicológico. Entre outros aspectos ele é uma poderosa fonte de stress <sup>20</sup>.

O esporte de alto nível é exigente para os atletas de uma forma geral, para a mulher fica muito mais difícil realmente: ser atleta com condições de desigualdades baseadas no gênero.

### **Voleibol <sub>1</sub>**

*Treinar muito, dedicação, e... Se cuidar, porque você tem isso...É traçar um objetivo. Se você não tem isso, você não consegue tá sempre bem. Então meu ponto de vista é tá sempre bem, treinando, se cuidando, cuidando do corpo, porque ele é nossa máquina.*

### **Voleibol <sub>2</sub>**

*Não é fácil. É trilhar um caminho, realizar um sonho, se você conseguir ir para uma Olimpíada, conseguir ir para um Mundial, representar um país que é uma Nação toda lá fora, é um orgulho, ser atleta é um orgulho!*

---

<sup>20</sup> D. De ROSE JÚNIOR. O Esporte competitivo na infância e adolescência. 2º sem. 2002. Notas de aula

QUADRO 10 – Afirmativa 5. B: “Ser homem é...”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES   | CATEGORIA                 |
|-----------------------|---|---------------------------|
| Judô                  | “Ter objetivos e metas claras e nunca desistir de seus sonhos. Não consigo diferenciar esse ser homem e ser mulher. Acho que é ser e ponto! Eu não acredito em diferenças”.         | Igualdades                |
| Natação               | “Acho que muitas vezes os homens levam vantagens. A mulher continua inferiorizada no conceito público”.   | Desigualdades de gêneros  |
| Futebol               | “É ser machista mesmo. A mulher tem que ficar no fogão. Meu pai quase morreu quando me viu jogar futebol. Além de ter a ‘coisa’ (preconceito), ainda aceitava a pressão da galera”. | Desigualdades de gêneros  |
| Handebol <sub>1</sub> | “É a pessoa que vai sustentar a casa, quem vai procurar emprego para formar a família, é mais sossegado, mais tranquilo do que ser mulher. O brasileiro procura sempre um herói”.   | Desigualdades de gêneros  |
| Handebol <sub>2</sub> | “Sei lá! Ser homem. Não sei responder...”.  | Diz não saber responder   |
| Handebol <sub>3</sub> | “É mais tranquilo, pois a sociedade não exige tanto. Eu acho que a mulher é mais cobrada”.  | Desigualdades de gêneros. |
| Voleibol <sub>1</sub> | “Não sei... ser homem é... não sei... não sei dizer...”.  | Diz não saber responder   |
| Voleibol <sub>2</sub> | “Dizem que é mais fácil. A sociedade impõe. O homem abre portas. O homem, para a sociedade, já vem como um cara sério, forte, e capaz”.   | Desigualdades de gêneros  |

Foi encontrada a categoria **Desigualdades de Gêneros** para a maioria das respostas.

De forma geral, as atletas manifestaram que seria muito mais fácil e vantajoso ser homem.

Para elas há um tratamento sexista dado à mulher, tanto pela sociedade como pela família. Enfatizaram a discriminação, o preconceito e os privilégios que o homem tem por simplesmente ter nascido homem.

Houve uma resposta (**judô**) que correspondeu à categoria **Igualdades de gêneros** por estar centrada nos aspectos em que homens e mulheres são iguais e têm objetivos e metas a serem conquistadas. A atleta afirmou que somos todos seres humanos e as capacidades de amar e de se doar não estariam ligadas, exclusivamente, a ser homem ou ser mulher. Entretanto, ela consegue alcançar esse posicionamento diante da vida somente depois de muito evoluir tanto cognitivamente como emocionalmente.



### **Judô**

*Ter objetivos e metas claras e nunca desistir de seus sonhos...Iguamente a mesma resposta...Não consigo diferenciar esse ser homem e se mulher serem diferentes. Acho que é ser e ponto! Não consigo separar mulher/homem. Porque acho que somos um pouco de tudo. Eu acho que nós somos homens, nós somos mulheres, acho que nós temos sim características que são mais masculinas e mais femininas...Aquela briga, aquela coisa que o homem pode mais que a mulher...Aquela “guerra dos sexos...” Eu sou contra...Então eu prefiro falar deste outro lugar, olhando como um Ser mesmo, porque acho que não tem diferença nenhuma. Eu não acredito em diferenças. A diferença é externa, fisiológica, física, mas enquanto ser, não. A capacidade de amar, a capacidade de se doar, elas não estão ligadas a ser homem ou a ser mulher.*

### **Natação**

*Eu acho que muitas vezes o homem leva vantagem, mesmo nos países mais avançados, por exemplo, na presidência dos EUA, o maior país, Hillary Clinton não se candidatou porque não tinha fé na possibilidade de sendo mulher, ser eleita. A mulher continua inferiorizada no conceito público.*

A atleta de futebol de campo revelou que sofreu muito preconceito tanto da comunidade em que vivia como de seu próprio pai. Pai e comunidade são figuras importantes, e a socialização da mulher no esporte sofre com a pressão exercida por essas figuras.

ANTUNEZ (2001) afirma que os estereótipos e padrões culturais são propagados por figuras importantes na vida das pessoas desde o começo de suas socializações.

Ela demonstrou que reconhece o machismo como historicamente construído e que tem consciência que ao se mostrar com idéias diferentes do que é esperado para a mulher, corre o risco [grifo meu] de não ser aceita socialmente a ponto de não conseguir se casar.

É interessante notar que a repetição e a manutenção desses padrões culturais se mostram com se fossem naturais e inerentes, o que na verdade é historicamente construído.

MESSNER (2002) diz que organizações e instituições em si mesmas são genereficadas.

No Brasil, o futebol de campo ainda é altamente genereficador reproduzindo e mantendo padrões sociais androcêntricos levando a mulher a uma situação estigmatizada, como uma invasora de uma ambiente que pertence, exclusivamente, aos homens - masculinos - sexistas.

### **Futebol de campo**

*(Risos). Ai, ai, ai... Não põe meu nome aí, senão ninguém vai querer casar comigo! Ser homem é... Ah é complicado mesmo, ser homem é ser machista mesmo, não adianta... A mulher tem que ficar no fogão... A mulher tem que isso... A mulher tem que aquilo... Salvo algumas exceções, como convém, ou não convém o homem ainda é muito machista e aí isso acaba criando barreiras e criando um monte de problemas por causa do machismo, aquela coisa que tudo vem lá detrás, da história. Meu pai <sup>21</sup> quase morreu, há 10 anos atrás, quando me viu jogar futebol, me colocou de castigo várias vezes...Mas, ele também aceitava a pressão dos vizinhos, de todo mundo, além de ter a “coisa” (preconceito), de não estar gostando ele ainda aceitava a pressão da galera, que falava: “Olha lá, lá vai ela jogar futebol com os meninos!”. No primeiro time que treinei, eu disse: “Pai, você vai ter que pagar, isso aqui é a*

---

<sup>21</sup> O pai dessa atleta tinha 48 anos na data da entrevista

*mensalidade da escolinha, é um time feminino”. Aí, ele ficava atrás das árvores assistindo ao jogo, lá no Horto, cheio, domingo e ele atrás da árvore, achando que eu não via ele. Aí, quando ele começou a ouvir os comentários sobre como eu jogava bem, que acabou indo atrás de clubes, da peneira que fiz e que passei (Clube São Paulo). Aí de lá pra cá, o cara ficou um chato. É pior do que treinador. “Você não podia ter errado um passe daquele!” De lá pra cá a gente briga: “Pai, não enche o saco!”. Fiquei seis meses no time de aspirantes, já tinha a equipe principal, onde jogavam a Ceci, a Kátia e a Cilene. Aí, eles estavam querendo formar uma equipe de base e tive a oportunidade de ir a um laboratório que foi feito com as mais novas e algumas meninas da equipe principal. Uma semana no centro de treinamento de Indaiatuba e o professo José Duarte me viu jogando e logo na outra semana já estava de “mala e cuia”, com 15 anos, morando em Indaiatuba ganhando trezentos reais por mês, sempre na conta, putz! Foi o máximo! Aí foi seis meses no aspirante e depois fui para o principal, fiquei por volta de um ano na equipe principal. Mas, aí já era mais pressão: dois treinos por dia. Rapidinho, fiquei estressada e disse: ‘Não! Isso não é para mim não!’. Fiquei meio brava, também já não tava jogando muito. Todas as meninas eram da Seleção e todas as meninas do time de baixo eram novinhas, estavam ali e um dia essas meninas vão parar e a gente estava lá. Mas eu fiquei estressada e fui jogar no Juventus, continuei jogando. Talvez, até poderia ter ficado um pouco mais no São Paulo mais um ano, mas optei por sair.*

#### **Handebol 1**

*Ser homem aqui no Brasil, como vou colocar? É a pessoa que vai sustentar a casa, que vai procurar emprego para formar a*

*família, é mais sossegado até, mais tranqüilo do que ser mulher. O brasileiro procura muito um herói. Sempre alguém para se espelhar. Então é até mais fácil visualizar isso no homem.*

**Handebol 2**

*Sei lá! Ser homem...Vou perguntar para o meu irmão.*

**Questão extra:** *E se você soubesse, o que seria?*

**Handebol 2**

*Não sei responder.*

A atleta de handebol 3 pareceu acreditar que é muito mais tranqüilo ser homem, pois a sociedade não exige tanto, como exige da mulher. Na sua opinião, toda responsabilidade de ter um filho pertence primariamente à mulher, sendo um sacrifício conciliar ser mãe e atleta ao mesmo tempo.

**Handebol 3**

*É mais tranqüilo, pois a sociedade não exige tanto, então eu acho mais tranqüilo.*

**Questão extra:** *Explique melhor isso:*

**Handebol 3**

*Não exige tanto. No sentido de compromisso, eu acredito, de cobrança. Eu acho que a mulher é mais cobrada. Que a mulher tem aquele período de gestação, por exemplo, aqui você tem uma carreira, mas a partir do momento que você, principalmente eu, que sou mãe. Eu falo desse lado de ser mãe. Por que você casa, né? Você tem que ter tudo planejado*

*na sua vida. Você tem que mudar muito para conciliar. É muito difícil você 'tá' conciliando, então tem que ser tudo bem planejado. É uma vida diferente, você querer ter filho e querer 'tá' no esporte, então é um sacrifício...Você precisa de apoio e de apoio financeiro para manter a família e para você continuar no esporte.*

**Voleibol 1**

*Não sei...Ser homem é...Não sei...*

**Questão extra:** *E se você soubesse?*

**Voleibol 1**

*Eu...Não sei dizer!*

**Voleibol 2**

*(Risos) Dizem que é muito mais fácil! (risos). Por tudo. Acho que a sociedade impõe isso. O homem abre portas. A mulher para abrir uma "brecha" tem que suar muito a camisa tem que mostrar várias vezes, impor várias vezes que você é capaz daquilo, de estar lá, de ter aquele "cargo", de receber aquele salário. Acho que o homem, para a sociedade, já vem como um cara sério, forte e capaz.*

QUADRO 11 – Afirmativa 5.D: “Ser reconhecida no esporte é...”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES   | CATEGORIA   |
|-----------------------|---|---|
| Judô                  | “Saber que falam de ti, coisas que aconteceram realmente e muitas mentiras também”.   | Auto-estima<br>Notoriedade                            |
| Natação               | “Exceto que existe uma diferença no futebol, nos outros esportes tanto homens como mulheres são reconhecidos, se têm bons desempenhos”.   | Financeira<br>Igualdades de gêneros.                  |
| Futebol               | “Você vai ser reconhecida numa semana, que talvez tenha sido meu caso e acabou o reconhecimento. Reconhecimento da mídia, talvez o reconhecimento familiar. O importante para mim é o reconhecimento da família”.                             | Auto-estima   |
| Handebol <sub>1</sub> | “É muito importante para mim. Servir a seleção e representar seu país. Eu me sinto reconhecida”.  | Auto-estima   |
| Handebol <sub>2</sub> | “É orgulho. Hoje a gente não é tão reconhecida, mas comparando com cinco anos atrás, acho que a gente evoluiu muito, não só no esporte, mas ser reconhecida no Brasil e no meu estado”.   | Auto-estima   |
| Handebol <sub>3</sub> | “É a grande esperança de todas as mulheres que praticam esporte no mundo. Eu esperei muito para ser reconhecida na minha época de seleção, até no meu auge de clube. Ainda dou o máximo esperando o reconhecimento, de ser igual aos homens”. | Desigualdades de gêneros<br>Auto-estima<br>Recompensa |
| Voleibol <sub>1</sub> | “Muito legal. O reconhecimento do público que te assiste. Eu gosto!”.   | Auto-estima   |
| Voleibol <sub>2</sub> | “É o resultado de muito trabalho”.  | Realização  |

A palavra reconhecimento gerou vários significados entre as entrevistadas, elas relacionaram-na às questões financeiras, de status, prestígio, auto-estima, realização pessoal, à família e a sociedade.

A maior parte das respostas a essa questão correspondeu à auto-estima das atletas.

As atletas de judô, voleibol<sub>1</sub> e handebol<sub>1 2</sub> enfatizaram que esses reconhecimentos foram e são muito importantes para sua auto-estima e realizações. Elas revelaram que o reconhecimento social e familiar é muito importante.

### Judô

*Saber que falam de ti. Coisas que aconteceram realmente e muitas mentiras também.*

A categoria **Igualdades de gêneros** se relacionou à resposta da atleta de natação que discursou a respeito do reconhecimento como estritamente relacionado ao alto desempenho, independente de ser homem ou mulher. A disparidade

financeira entre os atletas de alto nível do futebol masculino e o restante dos atletas das outras modalidades é enorme.

### **Natação**

*Não vejo diferenças entre atleta homem e atleta mulher, exceto que existe uma diferença no futebol. Nos outros esportes tanto os homens como as mulheres são reconhecidas, se têm bons desempenhos. Quando eu era jovem eu fui muito incentivada por homens.*

É muito comum no mundo esportivo o grau de reconhecimento ser proporcional ao destaque na mídia, ao êxito e conseqüentemente ser reconhecido por bom patrocínio. Um outro aspecto é a necessidade da manutenção desse reconhecimento, pois é através dele que uma equipe ou um atleta se mantém em destaque e em atividade.

A atleta de futebol acreditou que para ela reconhecimento é familiar e pessoal, mas ela acrescentou:

### **Futebol de campo**

*É difícil, é difícil...Você vai ser reconhecida numa semana, que talvez tenha sido meu caso. Ou o caso de outras meninas e acabou o reconhecimento. É, depois de um jogo, ainda mais no futebol: Num jogo é tudo, é a melhor equipe; e em outro jogo tá tudo errado. Ser reconhecido no esporte é muito difícil. Acho que quem consegue ter esse reconhecimento por anos, por muito tempo, acho que é um exemplo, tá de parabéns! Porque é muito difícil tanto para a mulher como para o homem. O reconhecimento vai depender muito do que a pessoa espera. Às vezes a pessoa espera o reconhecimento da mídia, na cabeça dela o reconhecimento é em torno da mídia, então ela pode se desiludir. Talvez o reconhecimento familiar...E tem*

vários tipos de reconhecimentos, claro, talvez todos sejam importantes. Mas, mais importante de eu ter aparecido na T.V. Globo foi para o meu pai. Nossa! Pra ele foi tudo. Foi a glória! Para a minha avó...É legal por causa deles, porque isso também é importante, né? Talvez não fosse tão importante para eles...Meu pai estava no centro da cidade e viu meu jogo pelo telão. Aí, teve um lance que eu levei um cartão amarelo: "Que orgulho, filha! Que orgulho, que orgulho!". Então é legal. O mais importante para mim é o reconhecimento da família. Tenho fitas gravadas pra mostrar pra filho, neto e dizer: 'Fui lá', eu 'tava' lá!' Acho que isso que é legal. Tem o lado legal, mas no meu caso é para eles, né? Para mim, pessoal pra eu me sentir...Não, isso não vai me fazer mais ou menos feliz. Alguns atletas querem, até porque precisam no caso de quando a pessoa tem um patrocínio forte, é dinheiro, então a pessoa precisa de um reconhecimento da mídia por que isso vai fazer ela continuar a ter o patrocínio ou ter um maior. Depende muito da situação de cada atleta esse tipo de reconhecimento. Se eu fosse patrocinada talvez o reconhecimento seria o mais importante.

#### **Handebol 1**

É muito importante para mim. Treino desde criança. Estou no meio esportivo e consegui conquistar meu objetivo que era servir a Seleção por onze anos. Consegui ir para uma Olimpíada, participei da primeira seleção brasileira a ir para uma Olimpíada. Então eu acho que servir a seleção brasileira que é o objetivo maior do atleta que é estar lá representando o seu país e se entregar e depois continuar nisso, trabalhando com crianças, visualizando um mundo melhor para as crianças. Muita coisa da minha vida eu devo ao esporte: é o



*relacionamento com as pessoas, a disciplina, tem um monte de coisas. Assim, as dificuldades que você, de repente, não consegue ultrapassar...Você se prepara, você consegue e se prepara de uma outra forma, então você se prepara para as realidades da vida. Então, o esporte foi uma escola, eu espero que isso continue...Eu acho que o esporte está muito mais sendo divulgado, não só o handebol como outros também. Está se dando importância a isso, mesmo que a pessoa não atinja um nível de seleção. Mas, eu acho que é uma coisa mais preventiva de saúde e de como levar a vida. Eu me sinto reconhecida.*

#### **Handebol 2**

*Orgulho. Ainda mais no handebol, porque ele não é um esporte tão reconhecido...A gente lutou tanto para isso...Hoje a gente não é tão reconhecida, mas se for comparar com cinco anos atrás, acho que a gente evolui muito, então para mim é um orgulho ser reconhecida, não só no esporte, mas ser reconhecida no Brasil e no meu estado, na Paraíba. Eu saí com quinze anos da minha casa, e hoje quando volto lá sou reconhecida na rua, então para mim é um orgulho imenso ser reconhecida.*

A atleta de handebol 3 relacionou a falta de reconhecimento à desvalorização financeira devido ao gênero. Justificando, dessa forma a aproximação dessa resposta à categoria **Desigualdades de Gêneros**.

Como já citado anteriormente por FRASER (2002) gênero é somente uma das facetas de um projeto político mais amplo visando a um pretense ordenamento social.

A seguir, outros relatos:

**Handebol 3**

*Ser reconhecida é a grande esperança, eu acho, de todas as mulheres que praticam esporte no mundo. Eu acredito que esperei muito ser reconhecida na minha época de seleção. Até no meu auge de clube, de seleção e hoje em dia ainda corro atrás desse reconhecimento. Eu ainda dou o máximo esperando ter o reconhecimento, de ser igual aos homens. De repente não sou eu que venha usufruir, mas a geração futura da mulher no esporte venha a usufruir dessa igualdade, de valorização financeira.*

**Voleibol 1**

*Muito legal! Às vezes, você passa e você fala: “Ah! Aquela que joga vôlei!” Às vezes confundem nosso nome, mas mesmo assim é bem legal! Porque o reconhecimento do público que assiste e de repente você tá passeando em um shopping e vem e falam: “Você é tal jogadora?” Esse reconhecimento é legal e eu gosto!*

**Voleibol 2**

*Ser reconhecida no esporte é o resultado de muito trabalho....*

QUADRO 12 – Questão 6: “Se você fosse homem o que seria diferente no esporte?”.

| ATLETA                | PALAVRAS OU FRASES CHAVES   | CATEGORIA                |
|-----------------------|---|--------------------------|
| Judô                  | Eu já teria um espaço conquistado, no meu esporte. Seria simplesmente lutar judô e não lutar contra leis e decretos que existiam.”.   | Desigualdades de gêneros |
| Natação               | “Me destacaria em muitas coisas que hoje os homens fazem e as mulheres não fazem. Porque não se acredita nela e ela vai encontrar muitas dificuldades”.   | Desigualdades de gêneros |
| Futebol               | “Talvez se eu fosse homem, nem no esporte eu estaria. Por que é muita competitividade(...). Acho que isso (esporte) está no sangue, em quantas vidas eu tivesse eu faria esporte, mas acho que de uma forma mais ligh. Acho que eu não ia encarar”.         | Cobrança                 |
| Handebol <sub>1</sub> | “Eu acho que se eu fosse homem teria sido muito mais fácil”.  | Desigualdades de gêneros |
| Handebol <sub>2</sub> | “Acho que seria diferente no salário. Eu tenho um salário mais ou menos, mas se eu fosse homem, eu ia ganhar mais. Ia ser um outro nível”.  | Desigualdades de gêneros |
| Handebol <sub>3</sub> | “O homem no esporte tem um tempo maior de prática”.   | Desigualdades de gêneros |
| Voleibol <sub>1</sub> | “Eu acho que ia brigar mais. Eles resolvem, ali e pronto e acabou. Depois vão, saem juntos, tomam uma cerveja. Se eu fosse homem eu ia brigar mais na quadra (...) Eu seria mais espontânea. Porque no feminino a gente tem que ter delicadeza para falar”. | Desigualdades de gêneros |
| Voleibol <sub>2</sub> | “Isso não tem muita diferença no vôlei porque os direitos são iguais, as cobranças são iguais, você vai ter que mostra resultados, e a responsabilidade e profissionalismo, é o mesmo”.   | Igualdades de gêneros.   |

Com exceção da atleta de voleibol <sub>2</sub>, que para sua modalidade os direitos e os deveres são iguais, as demais perceberam como **Desigualdades de gêneros**.

Sob outro aspecto, atleta de voleibol <sub>1</sub> enfatizou que ela se relacionaria diferentemente com as colegas de equipe.

Ao dizer que se ela fosse homem ela teria mais espontaneidade para se relacionar com suas parceiras, o que ela acredita que não seja possível fazê-lo por ser mulher e suas colegas também. Essa atleta parece querer mais liberdade para se expressar o que não acontece devido à delicadeza que ela pensa que tem de ter, por ser mulher, ao falar o que pensa e sente.

## **Judô**

*Se eu fosse homem o que seria diferente no esporte? Não sei...Eu teria que ter sido...Você me pôs numa fria...(risos) o que seria...(risos) não...Eu já teria um espaço conquistado, no meu esporte particularmente, né? Não começaria num esporte que era proibido para mulheres...Não teria algumas lutas invisíveis. Seria simplesmente lutar judô e não lutar contra leis, contra decretos que existiam. (Existia um decreto lei que proibia a mulher a fazer qualquer esporte de luta, boxe, judô, karatê), e isso era uma lei. Então era proibido e nós treinávamos por treinar, porque gostávamos sem objetivos de medalhas ou de ir para competições. Era proibido ir para competições oficiais e algumas academias proibiam, inclusive o treinamento de mulheres, não aceitavam. Foi o caso da minha. Depois começamos a ter um grupinho que treinava (irmãs de alunos) aí fui chegando e formamos um grupo só de mulheres, treinávamos separadas. Se eu fosse homem, no começo seria diferente...Hoje não sei se seria muito diferente...Talvez sim...Acho que sim...As conquistas que nós tivemos no judô feminino...Elas...Se fossem no judô masculino elas teriam mais peso até na própria mídia. Então, é muito pouco divulgado, é como se uma medalha de ouro no feminino não valesse tanto como no masculino. Também existe diferença no tratamento. Se, por exemplo, tiver duas vagas no campeonato mundial, levarão dois homens. Não levarão um homem e uma mulher. Levarão dois homens e levam, o critério é esse. Quando eu falei, lá em casa, que gostaria de lutar Judô, minha mãe falou: "Você vai virar homem!" Aí, foi meu grande desafio: - Vamos vê se eu vou virar homem, mesmo! Foi a minha grande motivação. Meu pai acha que é ele o motivador, Porque ele que levava. Mas é minha mãe. Ela disse que ia virar homem, ainda*

*mais lutando. Nossa! A primeira rival: minha mãe. O primeiro IPON de minha vida!*

**Questão extra:** *Fale sobre as condições de treino para homens e mulheres?*

### **Judô**

*O treinamento deveria ser mais específico para as mulheres...No Japão as mulheres treinam com mulheres, sob orientação de ex-atletas. Aqui no Brasil, não. Não existe, 'tô' falando do meu esporte, ainda não existe. São alguns homens que fazem uma adaptação, um mini treino, do masculino para o feminino. Não seria por aí, não acredito nisso, tinha que ser uma coisa específica voltada mesmo para a mulher. Em termos de espaço físico, nós acabamos (mulheres) pegando uma lacuna. O masculino 'tá' lá, então o feminino também, 'tá'. É o melhor para o masculino? Então, o feminino 'tá' no mesmo espaço, 'tá' usando porque o espaço 'tá' sobrando e não porque é um espaço para o feminino ou para o masculino. Os treinamentos são realizados normalmente no mesmo local.*

### **Natação**

*Eu acredito que em muita coisa...Inclusive me destacaria em muitas coisas que hoje os homens fazem e as mulheres não fazem.*

**Questão extra:** *Como assim?*

### **Natação**

*Na própria direção dos esportes, você vê que a maior parte dos cargos, das presidências e das confederações é dos homens, e*

*quando a mulher ingressa nas federações, ela tem dificuldade de realizar o que querem. Porque não se acredita nela e ela vai encontrar muitas dificuldades. É muito complicado.*

### **Futebol de campo**

*Olha, não tenho a menor intenção, não gostaria de ser homem em nenhuma vida, por favor! Não sei...Talvez se eu fosse homem, nem no esporte eu estaria. Por que é muita competitividade e eu não sei se eu ia ficar bem numa situação estressante e complicada, então, se eu fosse homem, talvez não estaria no esporte. Faria...Acho que isso está no sangue, em quantas vidas eu tivesse eu faria esporte, mas acho que de uma forma mais 'light', não sei, acho que eu não ia encarar, não.*

### **Handebol 1**

*As dificuldades não teriam sido tantas. Eu tive problemas quanto comecei a jogar. Sempre fui uma menina muito estudiosa, sempre gostei muito de medicina, gostava de brincar com coisas de médico, eu tinha essa vontade. Só que a partir do momento que comecei a participar do esporte meus objetivos mudaram. Começou a dar certo, comecei a gostar. Então, eu tive um pouco de dificuldade para poder começar o esporte. Eu acho que se eu fosse homem teria sido muito mais fácil. Eu falo isso de dentro de minha família. Meus pais são de origem italiana, aquela coisa sempre de família, de 'tá' sempre juntos, e essa é uma coisa que me privei. Eu acabei me afastando bastante para poder me dedicar ao esporte. Então, se eu fosse homem acho que teria sido mais fácil. Já teria tomado uma atitude, mais fácil, teria tentado de outro jeito. Para mim foi muito difícil. Sou a única mulher em casa, tenho quatro*

*irmãos homens e foi complicado. Acho que eles tiveram mais liberdade e eu tive mais dificuldade para começar a investir no esporte.*

### **Handebol 2**

*Acho que seria diferente no salário. Porque como eu fui para as Olimpíadas eu sou reconhecida e tal...Eu tenho um salário mais ou menos, mas se eu fosse homem, eu ia ganhar mais, com certeza, eu ia ganhar bem mais, entendeu? Ia ser um outro nível.*

### **Handebol 3**

*Eu acredito que o homem no esporte tenha um tempo maior de prática, por causa desse lado de construção da família. Então, chega uma hora que a mulher tem que optar pela família ou pelo esporte, conciliar os dois é muito difícil. Então a maioria das mulheres acaba optando pela família, até, acredito por falta de incentivo ao esporte por parte da sociedade.*

### **Voleibol 1**

*Eu nunca pensei. Mas eu acho que ia brigar mais. No feminino a gente segura muito pra não ficar...No feminino tem muito disso: se eu brigar com você, você fica de carinha feia. No masculino não. Eles resolvem, ali e pronto e acabou. Depois vão, saem juntos, tomam uma cerveja. Apesar de eu não beber, mas fica tudo resolvido. Se eu fosse homem eu ia brigar mais na quadra e eu falava: "E aí? Não vai passar a bola, não?". Então eu seria mais sincera. Não que eu não seja. Eu seria mais espontânea. Porque no feminino a gente tem que ter delicadeza para falar. Não pode falar de qualquer jeito. Eu, por*

*exemplo, sou muito sensível na quadra. Então, de acordo com quem fala, eu absorvo bem, mas tem outras que falam e eu quero é esganar! Porque não tá fazendo o dela e tá querendo tomar conta do meu! Então, às vezes, eu não aceito. Às vezes, elas saem da quadra de cara virada e no masculino, não. Eles já são diferentes.*

### **Voleibol 2**

*No meu esporte? Eu atacaria mais! (risos). Seria mais forte? No vôlei, tirando a parte do salário, que dizem que o feminino ganha mais que o masculino. Ser homem ou mulher não teria muita diferença. Porque os direitos são iguais, as cobranças são iguais, o resultado, ambos vão ter que mostrar, a responsabilidade e o profissionalismo não faz diferença. Nesse ponto é o mesmo.*

ROSSI (1994) e SWAIN e JONES (1991) afirmam que os meninos têm uma posição privilegiada em relação às meninas no que diz respeito à competitividade.

Essa posição tem dois lados: o primeiro se refere à socialização que, grande parte dos meninos recebem e que os favorecem em relação ao mundo competitivo. O segundo refere-se à socialização que os ensina a não demonstrar os sentimentos, podendo levá-los a conflitos de identidade.

Quando a atleta diz que “No masculino não. Ele resolve, ali, pronto e acabou. Depois vão, saem juntos, tomam uma cerveja. Apesar de eu não beber, mas fica tudo resolvido. Eles são diferentes”, ela também demonstrou-se confusa por achar que por ser mulher ela não pode resolver seus embates rotineiros com as colegas de trabalho.

As atletas restantes consideraram que se fossem homens a vida no esporte seria mais valorizada, isto é, elas seriam reconhecidas como atletas.

“Acho que seria diferente no salário”; “Eu já teria um espaço conquistado no meu esporte (...). Não teria algumas lutas invisíveis. Seria simplesmente lutar judô



e não lutar contra leis e decretos que existiam”; “(...) me destacaria em muitas coisas que hoje os homens fazem e as mulheres não fazem. (...) na própria direção dos esportes (...); “(...) um tempo maior de prática, por causa do lado da construção da família. Então chega uma hora que a mulher tem que optar [grifo meu] pelo esporte ou pela família”;

MOURÃO e GOMES (2004) afirmam que em postos de comando e poder em Instituições esportivas a participação da mulher brasileira ainda é muito pequena, como se pode observar no QUADRO 2.

No âmbito esportivo, as mulheres têm muito trabalho à frente para a transformação das relações de gênero e poder no esporte. Apesar do grande crescimento qualitativo e quantitativo e de todas as conquistas precisam atentar que antes de serem atletas são cidadãs com direitos e deveres garantidos por leis e que têm ainda muitas barreiras de âmbito político a ultrapassar (GOMES BOTELHO 2004).

A Questão (7): “Existe alguma outra coisa que você queira falar? Alguma coisa que você considere importante sobre esse assunto e que não foi abordado até agora?” Objetivou o fechamento da entrevista dando oportunidade à atleta de falar sobre o assunto livremente. Embora as respostas não tenham recebido o mesmo tratamento dado para as anteriores foram apresentadas por serem consideradas importantes e significativas.

### **Judô**

*Estou imensamente feliz por estar contribuindo com o seu trabalho e gostaria de dizer que você pode contar comigo para qualquer coisa que eu puder ajudar.*

### **Natação**

*Eu gostaria de dar uma mensagem à mulher brasileira para ela continuar na sua luta, no seu esforço, pelo destaque no que faz, e desejo muito sucesso.*

**Futebol de campo**

*Acho super legal essa questão de gêneros dentro do esporte. Tem muito que se falar como atleta, como dirigente. É importante, pois pode fazer com que as pessoas mudem essa visão leiga. Pode pegar um trabalho científico que tem fundamentos específicos, teóricos. Talvez isso mude. Porque até agora nada mudou. Então, eu acho que é uma forma. Talvez o trabalho científico possa mudar as pessoas. Porque, quanto mais as pessoas tiverem conhecimento sobre o que acontece, sobre o que não poderia acontecer e sobre a igualdade, melhor será. Acho que isso é importante.*

**Handebol 1**

*Eu acho que através dessas pesquisas que são importantes, e não é a primeira vez que participo de uma, é de estar colocando isso em nível de população. Esclarecer para mais pessoas esse tipo de pesquisa. Eu acho que fica muito restrito pra gente da Educação Física, para as pessoas que estão envolvidas no esporte. Então seria interessante 'tá' abrangendo um número maior de pessoas, mesmo para quem não está ligado, pra incentivar mais.*

**Handebol 2**

*Eu queria falar, tipo assim, que esta entrevista podia chegar para as crianças que estão começando e que elas tenham o handebol...Que se espelhem no handebol, que não desistam nunca, porque eu sou a prova viva disso. Vim lá da Paraíba, saí de casa com 15 anos, não era ninguém, não sonhava com nada, só jogava, jogava, só pensava em jogar. E hoje eu 'tô' aqui, já fui para as Olimpíadas, tenho meu carro, minha casa, minha vida. Sou independente, Graças a Deus. Tudo que tenho*

*hoje é graças ao Handebol. Então que não desistam, tenham um objetivo, sigam o caminho e nunca desistam!*

### **Handebol 3**

Uma coisa que eu sempre sentia e sinto ainda diferença é a parte da valorização, não só do clube, mas por parte do comitê olímpico, entre as seleções das modalidades que vão defender o Brasil lá fora, exceto o vôlei, basquete, futebol de salão e de campo, não têm igualdade de valorização financeira, não têm prestígio. Existe uma verba destinada aos atletas de alto nível, e até 2000, no handebol a seleção nunca recebeu essa verba. Tanto é, que até na seleção que eu peguei eu nunca fui remunerada pela seleção, só por parte do clube, através do contrato que eu tinha, eu abria mão de jogar pelo clube para atender a seleção, sem nenhuma valorização. Espero que isso venha a mudar, porque nós temos muito para dar ao Brasil, tanto o feminino como o masculino. Há muito material humano para ser aproveitado em nosso país.

### **Voleibol 1**

*A única coisa que eu queria falar é que eu amo ser atleta. Eu gosto. Uma que faz super bem, outra que eu cuido do meu corpo e da minha saúde. Se eu fosse uma pessoa comum, eu seria sedentária, porque eu tenho um pouco de preguiça de fazer as coisas. Eu acho que todo mundo deveria tentar, principalmente as crianças.*

### **Voleibol 2**

*Acho que a desigualdade no esporte depende da modalidade. Pode ver que no futebol, os homens rendem. Mas as mulheres podem ter um resultado muito melhor, podem conseguir mais*

*coisas, podem até entrar para a história, que o pessoal não dá incentivo. O pessoal não procura ver se tem futebol feminino na televisão ou não. Se vai ter jogo em algum lugar, do futebol feminino, o pessoal não procura saber. Quando é o masculino, pode ser Fraldinha, que 'tá' todo mundo lá, incentivando, batendo palmas. Então eu acho que tem isso.*

## **8 CONCLUSÕES**

Para a modalidade voleibol que, tradicionalmente, é considerada como 'mais feminina' as atletas discursaram diferentemente daquelas que estão em meios considerados 'mais masculinos' (futebol de campo, handebol, judô). As atletas de voleibol sentiram menos as desigualdades de gêneros do que as demais, no que se referiu às questões de salário e condições de treinos e jogos.

Apesar dessas diferenças entre as modalidades todas as atletas perceberam o meio esportivo como sendo discriminador e predominantemente masculino.

Nas modalidades como o futebol de campo, handebol e judô as atletas perceberam que existe tratamento desigual em relação às equipes compostas por homens. Elas demonstraram-se conscientes em relação aos salários menores, à pouquíssima importância dada pela mídia para as competições dos esportes praticados pelas mulheres e também sabiam que a grande maioria dos cargos de poder, em importantes instituições no esporte, pertence aos homens.

Assim como no mercado de trabalho comum, no esporte-trabalho as mulheres cresceram e crescem, numericamente. Entretanto, salvo alguns casos e situações, a grande maioria ainda ganha menos do que os homens. Embora haja grande distribuição de mulheres entre as modalidades esportivas, antes exclusivamente dos homens, elas ainda não são reconhecidas e ganham salários muito menores.

O grupo estudado conheceu e se preocupou com suas posições enquanto mulheres e atletas. As atletas revelaram que foram estigmatizadas como 'fora do padrão' e "diferentes".

Ou elas eram consideradas como super mulheres por terem alcançado um status diferenciado das outras não atletas, ou elas eram consideradas como 'anomalias' masculinizadas.

Todas as atletas sabiam das dificuldades enfrentadas e impostas às mulheres no esporte e que necessitaram desenvolver a determinação, dedicação, disciplina para superá-las. Com exceção de duas atletas, mas para a grande maioria, mulher e atleta, é sinônimo de determinação, objetividade e assertividade.

As atletas confirmaram possuir uma autopercepção diferente do que é esperado pela hegemonia masculina. Com exceção de duas atletas, as demais apresentaram uma certa similaridade em relação aos autoconceitos de gêneros.

Através dos depoimentos, observaram-se indícios de preconceitos em relação à mulher atleta, tanto fora como dentro do ambiente esportivo e inclusive entre elas mesmas.

As entrevistadas disseram que a sociedade espera muito mais dos homens atletas. As expectativas em relação às mulheres seriam a correspondência dos papéis estereotipados de dona de casa e mãe.

Considerou-se que falta de apoio dado ao esporte praticado pela mulher, (que já se caracteriza como consequência do tratamento desigual baseado no gênero), e as cobranças comuns ao esporte de alto rendimento são, potencialmente, causadoras de stress.

Evidenciou-se a existências de grande assimetria entre a categoria apoio e a categoria cobrança.

A maternidade ainda é vista como uma responsabilidade primaria da mulher. Ela própria parece isentar ou poupar o homem de exercer sua parte na criação dos filhos, devido sua responsabilidade 'natural' de sustento da casa através do trabalho fora da mesma.

Toda essa ambigüidade, de certa forma, é positiva: a mulher é a parte incomodada e a menos favorecida da dupla mulher/homem. Essa situação pode levá-

la a refletir sobre o *status quo*, sobre sua identidade, seus papéis sociais, sobre o que se esperam dela e principalmente sobre o que ela espera de si mesma. O conflito gerado leva a mudanças na forma de encarar os diversos aspectos de sua vida.

Notaram-se dúvidas ainda no direito de escolher entre ser ou não mãe, bem como, na divisão da responsabilidade com os cuidados dos filhos.

Apesar das grandes conquistas no esporte a mulher tem muito que lutar para alcançar a igualdade que lhe é de direito.

O avanço quantitativo não implica no qualitativo. A mulher atleta está inserida num mundo fortemente masculino e ela necessita ser reconhecida e respeitada como uma profissional do campo esportivo. Ela quer ter seus direitos assegurados, ser livres de preconceitos e estigmas. Ela quer ser, simplesmente, atleta e fazer aquilo que mais gosta: competir em sua modalidade.

Essa pesquisa buscou demonstrar a importância do contexto esportivo no estudo das desigualdades de gêneros e também como um importante campo na luta dos direitos da mulher. Portanto, sugere-se mais pesquisas que possam respaldar a construção de políticas no contexto esportivo a favor das igualdades de direitos entre homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S. Judô feminino: relato de uma história. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER & ESPORTE: MITOS E VERDADES, 3., 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EEFUSP, 2004. p. 69-71. CD-ROM.

ANTUNEZ, M. Reflexiones acerca de lo que la mujer representa para el deporte y el verdadero significado del deporte para la mujer. **Lecturas en educación física y deporte**, Buenos Aires, v.7, n.42, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd42/mujer.htm> >. Acesso em: 12 maio 2002.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gêneros**: Marias (e) homens na educação física. 1998. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ARAUJO, C. Ações afirmativas como estratégias políticas feministas. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S.G. (Orgs.). **Gêneros, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC/34, 2002. p. 148.

CASTILLO, J. M.; BARATA, N. P. Espacio y tiempo en el deporte. In: FERRANDO, M. G.; BARATA, N. P.; OTERO F. L. (Comps.) **Sociología del deporte**. Madrid: Alianza, 1998. p.166-68.

CHAUÍ, M. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. p. 216-20.

COLÉGIO CRISTO REDENTOR. **História das Olimpíadas**. Disponível em: <[http://www.academia.com.br/apoio\\_aluno/crie\\_ac/gh2004/doisma02/site/hist%C3%B3ria%20das%20olimpiadas.htm](http://www.academia.com.br/apoio_aluno/crie_ac/gh2004/doisma02/site/hist%C3%B3ria%20das%20olimpiadas.htm) > Acesso em: 3 dez 2004.

COMITÊ OLIMPICO BRASILEIRO. **O Brasil nos Jogos**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://www.cob.org.br> >. Acesso em: 5 maio 2005.

COSTA, J. C. A construção cultural da diferença dos sexos. **Sexualidade, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro, ano 2, n.3, 1995.

\_\_\_\_\_. **Psicanálise e contexto cultural**: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapia. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

De ROSE JÚNIOR, D. **Situações específicas e fatores de stress no basquetebol de alto nível**. 1999. 74f. Tese (Livre Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

De ROSE JÚNIOR, D.; SATO, C.T. Níveis de stress competitivo: comparação entre sexos e esportes individuais e coletivos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE: VIDA ATIVA PARA O NOVO MILÊNIO, 24., 2001, São Paulo, **Anais...** Londrina: Midiograf, 2001. p. 115.

De ROSE JÚNIOR, D.; VASCONCELLOS, E. G. Situações específicas de “stress” no basquetebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.7, n.2, p. 25-34, 1993.

De ROSE JÚNIOR, D.; VASCONCELLOS, E.G; SIMÕES, A. C. Percepção subjetiva dos níveis de “stress” e desempenho em atletas da seleção brasileira de handebol. In: CONGRESSO MUNDIAL DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 8., 1993. **Actas...** Lisboa: ISSP, 1993. p. 289-292.

ENCICLOPÉDIA DIGITAL MASTER. **O que é Ideologia?** Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com.br>>. Acesso em 18 nov 2004.

FRASER, N. Políticas feministas na era do reconhecimento. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S.G. **Gêneros, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: F.C.C/34, 2002, p.65.

GAZETA ESPORTIVA. **Álbum 1991**: memória. São Paulo, Disponível em: <<http://www.gazetaesportiva.net/album/1991b/memoria.htm>>. Acesso em: 25 Jan. 2005a.

\_\_\_\_\_. **História das Olimpíadas**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.gazetaesportiva.net/historia/olimpiadas/>>. Acessos em 13 fev 2005b.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.p.29

GOELLNER, S.V. Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE A MULHER & ESPORTE: MITOS E VERDADES, 3., 2004. São Paulo. **Anais...** São Paulo: EEFUSP, 2004a. p. 38-41.CD-ROM



\_\_\_\_\_. O Esporte no cinema: uma possibilidade narrativa sobre a história e a cultura do movimento olímpico. In: FÓRUM OLÍMPICO: ESTUDOS OLÍMPICOS: ÉTICA E COMPROMISSO SOCIAL, 5., 2004. **Anais...** São Paulo: EEFÉUSP, 2004b. p. 28-34

GOMES BOTELHO, P. Mulheres e desporto: qual a agenda pedagógica do século XXI? In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE A MULHER & ESPORTE: MITOS E VERDADES, 3., 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EEFÉUSP, 2004. p. 17-28. CD-ROM

GOMES BOTELHO, P.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. Para uma estrutura pedagógica renovada da co-educação no desporto. In: SIMÕES, A C; KNIJINK, J.D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gêneros e desempenho.** São Paulo: Aleph, 2004.

GOULD, D.; ECKLUND, R.C.; JACKSON, S.A. 1988 U.S. Olympic wrestling excellence: II Thoughts and affect occurring competition. **The Sport Psychologist**, v.6, p.383-202, 1992.

HEILBORN, M. L. De que gêneros estão falando? **Sexualidade, gêneros e sociedade.** Rio de Janeiro, ano 1. n.3, 1994.

KNIJINK, J. D. **Ser e ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil.** 2001. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. **A mulher brasileira: o esporte, seu corpo, sua história.** São Paulo: Mackenzie, 2003.

KNIJINK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: SIMÕES, A. C. (Org). **Mulher e esporte: mitos e verdades.** São Paulo: Manole, 2003. p. 165-75.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração e análise de dados.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MESSNER, M. A. **Taking the field**: women, men and sports. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. p.65-66.

MONTEIRO, J.P. Da ideologia ao ideologismo. In: DASCAL, M. (Org.). **Conhecimento, linguagem, ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 193.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, A. C. (Org). **Mulher e esporte**: mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003. p. 123-152.

MOURÃO, L.; GOMES, E. M. P. Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso. In: SIMÕES, A. C, KNIJNIK, J.D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gêneros e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

NOGUEIRA, C.S. **A mulher nos jogos Olímpicos**, 2004. Disponível em: <[http://www.webrun.com.br/home/index.php?destinocomum=noticia\\_mostra&id\\_noticias=244&id\\_eventos](http://www.webrun.com.br/home/index.php?destinocomum=noticia_mostra&id_noticias=244&id_eventos)>. Acesso em: 23 jan. 2005.

PAIVA, V. **Evas, Marias, Liliths...** as voltas do feminino. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Fazendo arte com camisinha**. São Paulo: Summus, 2000.

PARKER, R; BARBOSA, R; FAJARDO, E. Novas tendências da pesquisa em gêneros, sexualidade e saúde. **Sexualidade, gêneros e sociedade**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, 1996.

PEREIRA, L. E. **Mulher e Esporte**: Um estudo sobre a influência dos agentes de socialização em atletas universitárias. 1984. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. São Paulo.

ROSSI, A. M. **O Homem não chora**: aprendendo a dominar o estresse do sexo masculino. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

SEGGAR, J.F.; PEDERSEN, D. M.; HAWKES, N.R.; McGAWN, C. A measure of stress for athletic performance. **Perceptual and Motor Skills**, Montana, v. 57, p.1235-1238, 1997.

SIMÕES, A. C. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

\_\_\_\_\_; O universo das mulheres nas práticas sociais e esportivas. In: SIMÕES A. C.; KNIJNIK, J.D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gêneros, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SIMÕES, A. C.; CORTEZ, J. A. A.; CONCEIÇÃO. P. F. Mulher e esporte de competição e rendimento: as várias fases do social, do biológico e do psicológico. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J.D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gêneros, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D; MACEDO, L.L. O ser mulher no esporte de competição: a mulher e a busca dos limites no esporte de rendimento. **Treinamento Desportivo**, São Paulo, v.5, n.2, p. 73-83, 2000.

SOARES, V. Empoderamento das mulheres e a transformação nas relações de gêneros. In: ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA. O FEMINISMO NOS 500 ANOS DE DOMINAÇÃO. RESISTÊNCIA, CONQUISTAS E PERSPECTIVAS, 23., João Pessoa, 2000. **Anais...** João Pessoa: Textoarte, 2000. p.59-60.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Caderno CEDES**, v.19, n. 48, 1999. Disponível em < [http:// www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 1 set 2003

SWAIN, A.; JONES, G. Gender role endorsement and competitive anxiety. **International Journal of Sports Psychology**, Rome, v. 22, n.1, p. 50-65, 1991.

TAMBURRINI, C. O Retorno das amazonas. **Lecturas en educación física y deporte**, v.4, n.13, Mar/1999. Disponível em:<[http:// www.efdeportes.com.br](http://www.efdeportes.com.br) > Acesso em: 8 maio 2002.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, São Paulo, v.5, n.1, p. 7-29, 1995.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANEXO I - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**1) Dados de identificação do sujeito da pesquisa ou responsável legal**

Nome do indivíduo:.....  
 Documento de identidade nº:.....  
 Sexo :            Masculino                       Feminino   
 Data nascimento:...../...../.....  
 Endereço.....nº..... Apto:.....  
 Bairro:.....Cidade.....  
 CEP: .....Telefone: DDD (...)......

**2) Responsável legal**

Nome:.....  
 Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.).....  
 Documento de identidade:.....  
 Sexo :            Masculino                       Feminino   
 Data nascimento.: ...../...../.....  
 Endereço.....nº.....Apto:.....  
 Bairro:.....Cidade:.....  
 CEP: .....Telefone: DDD (...)......

**3) Dados sobre a pesquisa científica**

Título do projeto de pesquisa:

**“Mulher, gênero e esporte: a análise da auto-percepção das desigualdades.”**

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Dante de Rose Júnior

Cargo/função: Professor titular/orientador.

Avaliação do risco da pesquisa:

risco mínimo    [x]    risco médio      
 risco baixo          risco maior

ANEXO I - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cont.).

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

Duração da pesquisa: 08 meses

---

**4) Explicações do pesquisador ao indivíduo ou seu representante legal sobre a pesquisa, consignando:**

- a. Justificativa e os objetivos da pesquisa: O meio esportivo é muito apropriado para se estudar sobre gêneros, por ainda estar muito estritamente relacionado à hegemonia masculina. Apesar das grandes conquistas das mulheres no esporte ainda há muitos preconceitos, sexismos, desigualdades de reconhecimentos e distribuições de poderes.
- b. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais: Entrevistas semi-estruturadas, gravadas em fita cassete.
- c. Desconfortos e riscos esperados: Não há
- d. Benefícios que poderão ser obtidos: geração de conhecimento, a fim de diminuir as desigualdades de gêneros no esporte, contribuindo, também, para o desenvolvimento e participação da mulher no esporte.
- e. Procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo: Não há.

**5) Esclarecimentos dados pelo pesquisador sobre garantias do sujeito da pesquisa:**

- a. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.

ANEXO I - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cont.).

- b. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência;
- c. Salvaguarda da confidencialidade, do sigilo e da privacidade;
- d. Disponibilidade de assistência no HU ou HCFMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

**6) Informações de nomes, endereços e telefones dos responsáveis pelo acompanhamento da pesquisa, para contato em caso de intercorrências clínicas e reações adversas.**

Ana Maria Capitanio – pesquisadora gerente: (011) 9212 2242

Prof. Dr. Dante de Rose Júnior – pesquisador responsável

**7) Observações complementares:**

.....  
.....

**8) Consentimento pós-esclarecido**

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente projeto de pesquisa.

São Paulo, de                      de 2005.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador  
(carimbo ou nome legível)